

**SOCIEDADE DE ENSINO SUPERIOR AMADEUS - SESA
FACULDADE AMADEUS - FAMA
CURSO DE PEDAGOGIA**

LARISSA SANTANA DOS SANTOS

**CORREÇÃO DE FLUXO: Trajetória social e escolar dos alunos que chegam a
uma turma de Distorção Idade/Série**

**Aracaju – SE
2018**

LARISSA SANTANA DOS SANTOS

**CORREÇÃO DE FLUXO: Trajetória social e escolar dos alunos que chegam a
uma turma de Distorção Idade/Série**

Monografia apresentada à Faculdade Amadeus como trabalho de conclusão de curso e requisito básico para obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: Prof. Dr^a Maria Aparecida Souza Couto.

**Aracaju – SE
2018**

**CORREÇÃO DE FLUXO: Trajetória social e escolar dos alunos que chegam a
uma turma de Distorção Idade/Série**

Monografia apresentada à Faculdade Amadeus como trabalho de conclusão de curso e requisito básico para obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: Prof. Dr^a Maria Aparecida
Souza Couto

Coordenador do Curso

Orientadora

Avaliador

Avaliação Final: _____

Aprovada em: Aracaju ____/____/____

Dedico a minha professora e orientadora Maria Aparecida Souza Couto, que em todas as etapas deste estudo, teve paciência e dedicação, me ajudando a concluí-lo com um imenso prazer.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus por ter dado saúde e força, me possibilitando superar as dificuldades ocorridas durante todo o curso.

Agradeço imensamente a todos os docentes que passaram pela minha vida desde a Educação Infantil até o Ensino Superior. Pessoas que acrescentaram um nível de conhecimento incalculável à minha vida.

A meus amigos que me incentivaram a não desistir nos momentos mais difíceis, compreendendo a minha ausência.

Por fim, e de suma importância, agradeço a minha família, minha mãe Janizete Santana, minha irmã Laiane Santana, minha avó Maria Oliveira e a todos tios e tias, primos e primas que junto comigo, me auxiliando nas dificuldades, tendo paciência em momentos de grandes estresses, percorreram e irão percorrer não somente a minha vida acadêmica, mas também em cada minuto da minha existência.

*“Para realizar grandes conquistas,
devemos não apenas agir, mas
também sonhar, não apenas
planejar, mas também acreditar.”*

(Anatole France)

CORREÇÃO DE FLUXO: Trajetória social e escolar dos alunos que chegam a uma turma de Distorção Idade/Série

Larissa Santana dos Santos¹

RESUMO

Pretende-se nesta monografia analisar parte da trajetória escolar e social dos alunos de uma escola pública localizada no município de Nossa Senhora do Socorro/SE buscando compreender os fatores que as levam à distorção idade/série, situação escolar na qual a idade não condiz com a série cursada, a idade é superior, chegando a compor uma turma denominada Correção de Fluxo. Buscando compreender tal problemática indagou-se sobre quais as complicações na trajetória escolar e social da criança que fazem com que elas adentrem tal turma de ensino. Adotou-se como objetivo geral identificar eventos que ocorrem na trajetória escolar e social dos estudantes do Ensino Fundamental que os fazem adentrar uma turma de Correção de Fluxo. Elencou-se como objetivos específicos observar a dinâmica entre a equipe diretiva no que se refere aos alunos matriculados na turma de Correção de Fluxo; analisar o método usado pelo professor nas aulas dessa turma; investigar aspectos da relação familiar geradores de impacto no desenvolvimento escolar dos alunos; por fim, traçar o perfil da professora e dos alunos que compõem a turma de Correção de Fluxo. Por meio de abordagem de pesquisa de cunho qualitativo com fundamentação teórica pertinente à temática, realizou-se o estudo do caso de uma turma composta por 24 alunos utilizando-se como técnica de pesquisa a entrevista semiestruturada e a observação sistemática do cotidiano dos alunos e equipe pedagógica. Sendo assim, através da metodologia utilizada foi possível identificar as possíveis complicações ocorridas na vida da criança, como a ausência da família, a falta de formação dos professores, que faz com que ela adentre uma turma de Correção de Fluxo, obtendo êxito na pesquisa.

Palavras-chave: Correção de Fluxo. Distorção Idade/Série. Escola. Família. Fracasso Escolar.

ABSTRACT

This article aims to analyze part of the school and social trajectory of the students of a public school located in the municipality of Nossa Senhora do Socorro / SE, seeking to understand the factors that lead them to the age / grade distortion, school situation in which age does not match with the series studied, the age is higher, even composing a group called Flow Correction. Seeking to understand this problem, we asked about the complications in the school and social trajectory of the child that cause them to enter such a teaching class. It was adopted as a general objective to identify events that occur in the school and social trajectory of elementary school students that make them enter a class of Flow Correction. Specific objectives were observed to observe the dynamics between the directive team with regard to students enrolled in the Flow

¹Graduanda em Pedagogia da Faculdade Amadeus.

Correction class; analyze the method used by the teacher in the classes of this class; investigate aspects of the family relationship that generate impact on the students' school development; finally, to draw the profile of the teacher and the students who make up the Flow Correction class. Through a qualitative research approach with theoretical basis pertinent to the subject, the study of the case of a class composed of 24 students was carried out using as a research technique the semi structured interview and the systematic observation of the daily life of the students and staff pedagogical. Thus, through the methodology used, it was possible to identify the possible complications that occurred in the child's life, such as the absence of the family, the lack of teacher training, which makes it a group of Correction Flow, achieving success in the research.

KEYWORDS: Flow Correction. Distortion Age / Series. School. Family. School Failure.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 REVISÃO LITERÁRIA	14
2.1 O caminho até a turma de Correção de Fluxo.....	14
2.2 Surgimento do Projeto Correção de Fluxo: breve histórico	17
2.3 Causas do fracasso escolar que ocasionam a distorção idade/série	19
2.3.1 Família e a educação formal das crianças	19
2.3.2 Escola: Espaço de convivência	21
2.3.3 Avaliação Escolar	22
2.3.4 Dificuldades de Aprendizagem	24
2.3.5 Reprovação	25
3 METODOLOGIA	27
3.1 Instrumentos de pesquisa	27
3.2 Sujeitos de pesquisa	27
3.3 Procedimentos da pesquisa	28
4 ANÁLISE DOS RESULTADOS	29
4.1 O projeto Correção de Fluxo	29
4.2 O relacionamento entre os pais dos alunos, gestora e professora.....	33
4.3 Desenvolvimento da escola após a implantação do projeto Correção de Fluxo	36
4.4 Perfil dos alunos da turma de Correção de Fluxo	37
4.5 Processo de ensino-aprendizagem	43
4.6 Vida social do aluno	48
4.7 Capacitação dos professores inseridos numa turma de Correção de Fluxo	52
4.8 Visão dos alunos da turma de Correção de Fluxo.....	53
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	57
REFERÊNCIAS.....	59
ANEXO A – Termo de Responsabilidade de plágio.....	63
APENDICE 1 – Questionário direcionado a diretora e a coordenadora	64
APENDICE 2 – Questionário direcionado a professora	68
APENDICE 3 – Questionário direcionado aos alunos.....	71

1. INTRODUÇÃO

É de fundamental importância que as crianças estejam em pleno desenvolvimento integral durante seu percurso escolar na educação básica, cujo início ocorre aos seis anos de idade e é finalizado entre os 16 ou 17 anos, levando em conta a compatibilidade da idade com a série que os alunos estejam cursando. Nesta perspectiva, PELEGRIN (2016, p.1) afirma que “os conceitos científicos são importantes para o desenvolvimento cognitivo do indivíduo, pois promovem níveis mais elevados de tomada de consciência quando comparados aos espontâneos, o que fortalece a importância da aprendizagem no desenvolvimento do aluno”.

Em 1990, os representantes de diversos países se reuniram na Conferência Mundial sobre Educação para Todos, em Jomtie na Tailândia, para tomar decisões sobre as necessidades de aprendizagem de cada criança. O Brasil, na época, como sendo um dos países com o maior número de analfabetos, foi rogado a desenvolver ações dentro a educação para reverter tal situação. Com base em tal sugestão, foi criado o Plano Decenal de Educação Para Todos (1993-2003), que estabelece em suas metas gerais

Assegurar melhoria do fluxo escolar, reduzindo as repetências, sobretudo na 1º e 5º séries, de modo a que 80% das gerações escolares, no final do período, possam concluir a escola fundamental com bom aproveitamento, cumprindo uma trajetória escolar regular. (BRASIL, 1993, p. 42)

Podendo assim, inserir tais crianças para uma turma intitulada de Correção de Fluxo, composta por alunos de séries distintas, com níveis de aprendizagem desiguais, com o objetivo de serem adiantados a uma série superior. A escola que faz tal classificação, está amparada no art. 24, IV, da Lei de Diretrizes e Bases Nacionais – LDB - de número 9394/96, ao afirmar expõe que “poderão organizar-se classes, ou turmas, com alunos de séries distintas, com níveis equivalentes de adiantamento na matéria, para o ensino de línguas estrangeiras, artes, ou outros componentes curriculares”. (BRASIL, 1996)

Esse mesmo fim, também é reforçado no Art. 19 da Deliberação CEE nº 340 11/2013, ao ressaltar que

Classificação é o processo que o estabelecimento adota, segundo critérios próprios, previstos no Regimento Escolar e na Proposta Pedagógica, para posicionar o aluno na etapa de estudos compatíveis

com a idade, experiência e desempenho, adquiridos por meio formais ou informais. (BRASIL, 2013, p. 4).

De acordo com Oliveira (2002, p. 178), em 1980, nas escolas do estado de Sergipe, o projeto Distorção Idade-Série, foi implantado com o objetivo de “corrigir o fluxo escolar em redes estaduais e municipais de ensino, como estratégia para possibilitar a implementação de um sistema de ensino fundamental de qualidade para todos”.

Deve-se destacar que a repetência escolar é um dos motivos que levam um aluno a chegar a uma turma de Correção de Fluxo, trazendo consigo uma enorme frustração. Logo, “são graves as consequências desse sintoma na vida das crianças de nossa cultura e que lhes causam muito sofrimento”. (BOSSA, 2002)

A inquietação sobre a temática em tela ocorreu durante o ano de 2017, quando a autora desta pesquisa teve a oportunidade de estagiar em uma turma de Correção de Fluxo². Nessa turma havia 24 estudantes com idades entre 10 e 13 anos dos quais somente 70% conseguiam realizar as atividades propostas, os demais, necessitavam de uma atenção maior nas orientações por parte da professora e estagiária. Porém, a indagação era frequente o “por quê” daquelas crianças não acompanhar o restante da turma. Por que todas aquelas crianças tiveram que ser retiradas da série regular para frequentar uma turma de Correção de Fluxo? Foi quando se percebeu no Trabalho de Conclusão de Curso uma oportunidade de ampliar o conhecimento sobre esta realidade nas escolas públicas de Sergipe por meio da pesquisa, ao buscar investigar detalhadamente o que acontece na vida social e escolar de cada criança o que ocorre em sua trajetória escolar que a leva a adentrar tal turma de nivelamento.

Compreende-se que o Projeto Correção de Fluxo é de fundamental importância, pois, é onde o aluno tem uma nova chance para poder nivelar seus conhecimentos de acordo com a sua idade. Mas, o que acontece no âmbito social e escolar do aluno, que faz com que ele repita o ano? Complicações familiares e socioeconômicas são questões que podem influenciar na aprendizagem das crianças? Despreparo e descuido do docente no decorrer dos anos letivos pode acarretar algum transtorno impedindo que o haja a aprendizagem? Há falta de interesse por parte do aluno? Por fim, a pesquisa encarrega-se de responder à

² Após avaliação realizada pela Secretaria de Educação de Nossa Senhora do Socorro (SEMED), foi classificada como “Aceleração”.

seguinte indagação: Quais eventos ocorrem na vida social e escolar do estudante na infância, que faz com que ele adentre a uma turma de Correção de Fluxo?

Neste sentido, elege-se como objetivo geral: Identificar eventos que ocorrem na trajetória escolar e social dos estudantes do Ensino Fundamental que os fazem adentrar uma turma de Correção de Fluxo. Neste sentido, elencou-se como objetivos específicos observar a dinâmica entre a equipe diretiva no que se refere aos alunos matriculados na turma de Correção de Fluxo; analisar o método usado pelo professor nas aulas da turma de Correção de Fluxo; investigar aspectos da relação familiar geradores de impacto no desenvolvimento escolar dos alunos; traçar o perfil da professora e o perfil dos alunos que compõem a turma de Correção de Fluxo.

A metodologia utilizada para buscar respostas à tais questionamentos amparam-se na abordagem de cunho qualitativo, pois, de acordo com Kauark; Manhaes; Medeiros (2010 p.26), “considera que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números”. Tendo como base a pesquisa bibliográfica que “é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos.” (GIL, 2002, p. 44). Trata-se, efetivamente, de um estudo de campo, como GIL (2002), explica:

Tipicamente, o estudo de campo focaliza uma comunidade, que não é necessariamente geográfica, já que pode ser uma comunidade de trabalho, de estudo, de lazer ou voltada para qualquer outra atividade humana. Basicamente, a pesquisa é desenvolvida por meio da observação direta das atividades do grupo estudado e de entrevistas com informantes para captar suas explicações e interpretações do que ocorre no grupo. Esses procedimentos são geralmente conjugados com muitos outros, tais como a análise de documentos, filmagem e fotografias. (GIL, 2002, p. 53)

O procedimento metodológico adota a imersão no campo empírico, uma vez que será investigada a rotina de uma turma de correção de fluxo de uma escola da rede pública estadual de ensino. O campo empírico onde ocorrerá a pesquisa será uma escola cujo o nome citado é fictício, sendo nomeado por Instituição, onde, tem sua sede situada no povoado Taiçoca, município de Nossa Senhora do Socorro, no estado de Sergipe e um anexo localizado na 2º etapa do Conjunto Marcos Freire III estabelecido no povoado citado.

A pesquisa desenvolvida pode, também, ser classificada como exploratória, pois,

Envolve levantamento bibliográfico; entrevistas com pessoas que tiveram experiências práticas com o problema pesquisado; análise de exemplos de estímulo a compreensão. Assume, em geral, as formas de pesquisas bibliográficas [...] (MEDEIROS et al, 2010, p. 28).

Mediante abordagens indiretas através da pesquisa bibliográfica e direta por meio da imersão no de campo empírico, entende-se que auxiliará nas descobertas de ideias, havendo uma aproximação significativa com o tema. Discutindo com diversos autores haverá a ampliação do conhecimento sobre a temática em foco o que fundamentará os resultados da pesquisa.

Reitera-se que a pesquisa é de cunho qualitativo uma vez que a ênfase estará focada nas particularidades e experiências individuais dos sujeitos participantes da pesquisa. A pesquisa de campo utilizou como instrumento a entrevista semiestruturada "Sendo algo flexível, possibilita que sejam exploradas outras questões que surjam no decorrer da entrevista, mesmo quando saem um pouco do "guia" do entrevistador" (Portal Educação, 2015, p. 1), levando consigo questionamentos, onde a entrevistadora usou questões prontas, podendo no decorrer da entrevista acrescentar, reformular ou até mesmo retirar questões. As questões foram direcionadas à equipe diretiva da escola em questão, a professora titular da turma e uma conversa informal com a turma de Correção de Fluxo, composta por 24 alunos.

2. REVISÃO DE LITERATURA

2.1 O caminho até a turma de Correção de Fluxo

Neste tópico, faz-se necessário apresentar a compreensão de desenvolvimento da criança associada às suas experiências de vida desde a mais tenra idade, o que nos alerta para as consequências negativas caso esse percurso não ocorra de maneira saudável e acompanhada adequadamente pelos adultos que compõem a unidade familiar e, em seguida, aqueles responsáveis pela educação formal representada pela escola.

A criança quando nasce é considerada, por alguns autores e mesmo pelo senso comum, uma folha em branco e, com o passar do tempo, através do seu convívio com outras pessoas ela vai aprendendo a falar, andar, entre outros costumes culturais que são passados de acordo com cada família. Assim afirma Cavicchia (S/D, pag. 2), quando explica que “para PIAGET o conhecimento é o fruto das trocas entre o organismo e o meio. Essas trocas são responsáveis pela construção da própria capacidade de conhecer”. Logo, observa-se que a criança vai se construindo a partir dos eventos ocorrido em seu cotidiano desde os primeiros anos até a fase adulta. Nesta perspectiva, Pedrozo (2014) traz em seus estudos as fases de desenvolvimento de cada criança, onde, Piaget explica o que acontece com cada uma em sua idade específica. Começando pela primeira fase que é o sensório-motor, que vai do nascimento até os dois anos de idade. Sobre essa etapa de desenvolvimento da criança PEDROZO (2014), explica que

Nesse período, os bebês desenvolvem a capacidade de reconhecer a existência de um mundo externo a eles, tendo autonomia para explorá-lo e construir sua própria percepção. Passam a agir não mais apenas por reflexos, mas direcionam seus comportamentos tendo objetivos a alcançar. [...] a inteligência trabalha através das percepções (simbólico) e das ações (motor) através dos deslocamentos do próprio corpo. É uma inteligência iminentemente prática. Sua linguagem vai da ecolalia (repetição de sílabas) à palavra-frase (“água” para dizer que quer beber água) já que não representa mentalmente o objeto e as ações. (PEDROZO, 2014, p.4)

A segunda fase é a Pré-operatória/Pré-operatória intuitiva, que vai dos 2 aos 7 anos de idade. Fase em que a criança faz uso da fala e da imaginação.

O que marca a passagem do período sensório-motor para o pré-operatório é o aparecimento da função simbólica, ou seja, é a emergência da **linguagem**³. [...] Em função disso, o desenvolvimento do pensamento ganha celeridade sendo por isso que esta é a

³ Grifo do autor citado.

conhecida fase dos famosos “porquês”. [...] esse é o estágio que se desenvolve a coordenação motora fina, que proporciona o movimento de pinça com os dedos e permite a escrita. Quando se trata das **brincadeiras ideais ao estágio**, é preciso levar em conta que este é o período da fantasia, do faz-de-conta e do uso de símbolos como significantes, isto é, o cabo de vassoura, é o significante e o cavalinho é o significado. (PEDROZO, 2014, p. 6)

A terceira fase é as Operações concretas, que vai dos 7 aos 12 anos de idade, onde a criança já se socializa se pondo no lugar do outro, deixando o egocentrismo, sendo mais obediente, como explica PEDROZO (2014, p.9)

Neste momento, o declínio no egocentrismo passa a ser mais visível. Isso quer dizer que a linguagem se torna mais socializada e a criança será capaz de levar em conta o ponto de vista do outro. Dessa forma, objetos e pessoas passam a ser mais bem explorados nas interações das crianças. Inicia-se a capacidade da criança estabelecer relações que permitam a coordenação de pontos de vistas diferentes e de cooperar com os outros. Outro aspecto importante [...] ela começa a realizar operações mentalmente e não mais apenas através de ações físicas típicas da inteligência sensório-motor (se lhe perguntarem, por exemplo, qual é a vareta maior, entre várias, ela será capaz de responder acertadamente comparando-as mediante a ação mental, ou seja, sem precisar medi-las usando a ação física). (PEDROZO, 2014)

É a quarta e última fase que é as Operações formais, que são crianças dos 12 anos até a fase adulta.

[...] esse estágio é definido pela habilidade de engajar-se no raciocínio abstrato, ou seja, as deduções lógicas podem ser feitas sem o apoio de objetos concretos. Suas estruturas cognitivas alcançam seu nível mais elevado de desenvolvimento e tornam-se aptas a aplicar o raciocínio lógico a todas as classes de problemas. O pensamento hipotético-dedutivo é o mais importante aspecto apresentado nessa fase de desenvolvimento, pois o ser humano passa a criar hipóteses para tentar explicar e sanar problemas, o foco desvia-se do “é” para o “poderia ser”. (PEDROZO, 2014, p. 12)

É notável que as fases de desenvolvimento explicam as atitudes da criança até a sua idade adulta. Logo, cada uma delas é de suma importância para o futuro daquela criança. Tudo que ela absorve durante essas fases, sendo coisas boas ou ruins, mesmo que a mesma não se recorde do acontecimento, ela vai levar consigo por toda vida, podendo haver reflexo em suas relações afetivas e até mesmo dentro do âmbito escolar. Assim como explica CÓRIA-SABINI (2006), quando afirma que

Uma canção que foi tocada durante um jantar agradável tenderá a provocar, mais tarde, as mesmas respostas emocionais que ocorrem naquele momento. Portanto, o condicionamento não ocorre apenas em situações de dor ou de medo, mas em qualquer condição, fazendo com que o meio ambiente modele ou dê forma aos comportamentos de uma pessoa. (CÓRIA-SABINI, 2006, p. 26).

Em consonância com a afirmação supra citada, CÓRIA-SABINI (2006, p. 28), traz também uma afirmação de Freud, na qual explica que “as relações afetivas desenvolvidas na infância, principalmente nos primeiros cinco anos de vida, são fundamentais para o equilíbrio emocional posterior”. Vivências como, separação dos pais, agressões físicas e verbais com familiares próximos e até mesmo com a criança, abuso sexual, ou seja, turbulências familiares, podem conceber traumas na criança, fazendo com que o seu desenvolvimento na escola seja afetado, levando a criança a não aprendizagem, gerando assim o fracasso escolar. Porém, esse não é o único motivo, levando em consideração também, as deficiências físicas e cognitivas, o trabalho infantil, o despreparo de alguns professores, entre outras coisas que serão melhores explanadas adiante.

Quando o indivíduo é inserido no meio escolar, espera-se que ele obtenha, por meio da interação com os professores e com outros alunos, um processo de aprendizagem significativo, podendo avançar cada fase de acordo com o seu desenvolvimento. E para que haja esse avanço, é preciso que o professor tenha a sensibilidade e a precisão de observar as necessidades e dificuldades daquele aluno, observando também as especificidades que o aluno traz consigo, as suas vivências, a sua cultura obtida em seu meio social, podendo assim, trabalhar naquela criança o que falta para o seu pleno desenvolvimento, lhe dando uma base de conhecimento onde, auxiliará a criança por toda a vida.

De acordo com WEIL (2004, pag. 107) “[...] no momento de aprender como nasce e cresce uma planta, uns relacionarão com a observação feita em uma plantação de milho onde passaram as férias, outras com o feijão que plantaram num vaso de seu apartamento”. Desta forma, é possível afirmar que cada criança tem a sua forma individual de aprender, levando em consideração também o conhecimento que cada uma delas trás de casa, o seu conhecimento empírico, onde, DUARTE (S/D), explica que “ se trata daquele conhecimento passado de geração a geração desprovido de qualquer constatação que dispõe do aval do universo científico propriamente dito”.

2.2 Surgimento do Projeto Correção de Fluxo: breve histórico

Em 1990 o MEC começou a disponibilizar recursos para as políticas públicas, visando fortalecer a educação nos anos iniciais do Ensino Fundamental com o desígnio de melhorar os indicadores educacionais, tendo como princípios o acesso e a permanência na escola e a correção da distorção idade-série.

Durante o período de 1984 a 1994, quando se falava em distorção idade-série no Brasil, lembrava-se de devastação, pois 63 % dos alunos não tinha a sua idade adequada ao ano de ensino. E no Norte e Nordeste a situação era bem pior, pois, os índices chegavam a 78% e 80% dos alunos não nivelados. Assim, alguns estados e municípios pensando em reverter tal situação, implantou programas de aceleração de fluxo escolar, promovendo em médio prazo, a melhoria dos rendimentos.

O objetivo principal do Projeto Correção de Fluxo, é acelerar os alunos em que a idade não condiz com a sua série atual e alfabetizar aqueles que até os 8 anos de idade não conseguiu ser alfabetizado. Logo, o programa foi dividido em duas partes, onde, uma é intitulada como “Acelera”, englobando alunos com ou mais de 2 anos de distorção idade-série, porém alfabetizados. E a “Se Liga”, que engloba também alunos com ou mais de 2 anos de distorção idade-série, porém, não são alfabetizados. Assim, afirma a Portaria de número 8907/2010, Art. 5º, parágrafo II, III, IV:

II. Alunos com distorção de 2(dois) anos e alfabetizados nas 2^{as} e 3^{as} séries (3^a e 4^a ano, respectivamente) deverão ser encaminhados para o Acelera Brasil.

III. Os alunos com distorção de 2(dois) anos e não alfabetizados, matriculados nas 1^a, 2^a, 3^a e 4^a séries (2^a, 3^a, 4^a e 5^a ano, respectivamente) deverão ser encaminhados para o Se Liga, sendo prioritário o atendimento dos alunos da 3^a e 4^a séries (4^a e 5^a ano).

IV. O programa Se Liga atenderá alunos matriculados nas 3^a e 4^a séries (4^a e 5^a ano, respectivamente), não alfabetizados, mesmo que não apresentem 2(dois) anos de distorção idade-série. (BRASIL, 2010, p 2).

De acordo com as pesquisas do MEC, após a implantação dos programas de Correção de Fluxo nas regiões Norte e Nordeste, os índices no estado de Sergipe tiveram um resultado satisfatório. Como explica Oliveira:

[...]na primeira fase do ensino fundamental da educação básica brasileira, o IDEB passou de 4,2 para 4,6, superando a meta prevista

para 2009 e atingindo antecipadamente a de 2011. [...] as escolas de ensino fundamental, no que se refere aos anos iniciais (até o 5º ano), conseguiram atingir as metas estabelecidas pelo Ministério da Educação, através do IDEB 2009. O índice total alcançado foi de 3,8, acima da projeção para o ano de 2009, que era de 3,4. Na rede estadual, o índice nos anos iniciais foi de 3,7, também acima da projeção para o ano que era 3,4. (OLIVEIRA, 2012, p.22)

Nesta perspectiva, o governo federal elaborou o Plano Decenal de Educação para Todos (1993-2003), que determina entre seus alvos, “assegurar a melhoria do fluxo escolar, reduzindo as repetências, sobretudo na 1ª e 5ª séries, de modo a que 80% das gerações escolares, do final do período, possam concluir a escola fundamental com bom aproveitamento” (BRASIL, 1993).

Em 1998, foi implantada a primeira política norteada aos alunos cujo a série em andamento discordava com a sua idade. Assegurando-se no Art. 24 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB (9394/96) onde diz que: “ IV – poderão organizar-se classes, ou turmas, com alunos de séries distintas, com níveis equivalentes de adiantamento na matéria, para o ensino de línguas estrangeiras, artes, ou outros componentes curriculares”.

O MEC, criou também o “Programa de aceleração da Aprendizagem para as escolas Públicas”, e se aliou a duas instituições privadas que foram: o Centro de Ensino Tecnológico de Brasília e o Instituto Ayrton Senna, que ficaram responsáveis em disponibilizar todo o material didático dos professores e alunos. De acordo com SOARES (2005):

Esse programa atendeu, a partir de 2000, estudantes dos anos iniciais do Ensino Fundamental dividindo-o em duas fases: classes para alfabetização das crianças ainda não alfabetizadas e turmas de alfabetização com o sentido de acelerar seus percursos até no máximo, a 6ª série. (SOARES, 2015, p. 9).

Com a mudança de governo federal em 2007, o programa de aceleração passou por algumas modificações:

A primeira etapa do programa, destinada ao atendimento dos estudantes não alfabetizados, passou chamar-se “Se-liga DF” enquanto a segunda, reservada ao avanço dos discentes já alfabetizados, foi denominada “Acelera DF”. O instituto Ayrton Senna foi a empresa contratada para a realização desse trabalho, que optou por manter o material didático que já vinha sendo utilizado, comprando do CETEB os direitos de uso desse recurso. (SOARES, 2015, p.10)

Em 2011, os governos decidiram eliminar os antigos programas, desenvolvendo assim, seu próprio projeto, que com a mesma finalidade, era denominado Distorção Idade-série ou mais conhecido como Correção de Fluxo. Logo, é possível comparar, de acordo com os relatos dos entrevistados, que essa mudança na coordenação do projeto não obteve tanto sucesso.

2.3 Causas do fracasso escolar que ocasionam a Distorção Idade/Serie

2.3.1 Família e a educação formal das crianças

Sendo fundamental na formação psicológica da criança, é na família que ela aprende seus primeiros passos, é de onde recebe seus primeiros valores, criando a sua própria personalidade. Porém, atualmente o conceito de família vem mudando rapidamente. Antigamente conhecíamos a família formada pelo pai, mãe e seus filhos, hoje em dia essa ideia vem se desfazendo, como explica BAIA (S/D), “A família assumiu uma nova estrutura, onde é constituída por qualquer grupo de pessoas que se unem e vão viver juntos e que tem afinidades entre si. ”

Dentro do âmbito familiar, a criança necessita de carinho e atenção, o que facilita o desenvolvimento dela não somente em meios familiares, mas também dentro do âmbito escolar. Logo,

Os psicólogos descobriram que as crianças de famílias carinhosas e amorosas têm um apego mais seguro nos dois primeiros anos de vida, autoestima mais elevadas, são mais empáticas, mais altruístas, mais responsivas quando os outros se machucam ou sofrem, e têm QIs mais altos na pré-escola e na escola primária. (BEE, 2002, p. 373).

Porém, quando em sua família a criança é hostilizada, não valorizada e maltratada, ela tende a se tornar uma pessoa sem carinho, uma criança hostil, onde, irá transparecer totalmente no seu desenvolvimento na escola, acarretando baixos resultados e em repetências frequentes.

Pais usuários de drogas ou que trabalham a maior parte do tempo para garantir o sustento da sua família, por vezes, acabam negligenciando a atenção dos seus filhos, imaginando, ser algo sem importância. Logo, é notável que a crianças dentro do âmbito escolar necessita do apoio dos pais para que haja um desenvolvimento mais significativo. “Os meninos cujas mães trabalham também tem conceito de papel sexual mais igualitários, mas alguns estudos mais antigos revelam

que eles apresentam uma realização acadêmica inferior à dos filhos das mães que ficam em casa”. (BEE, 1995, p. 392). A citada teórica explana através de estudos a importância de ter os pais em casa, atentos ao dia-a-dia escolar dos seus filhos. Contudo, se faz necessário ressaltar que atualmente, com a crise econômica que o Brasil está enfrentando, fica mais difícil deixar um dos pais em casa para cuidar das crianças.

Apesar de todos os obstáculos enfrentados pelos pais para que seus filhos tenham uma boa educação, é necessário que cada vez mais eles estejam atentos e buscando a melhoria dos seus filhos dentro da escola. Observar detalhes pequenos em seus filhos que possam estar bloqueando a sua aprendizagem é um passo de grande importância e que pode ajudar seu filho durante toda a vida dele.

Os pais responsivos são aqueles que percebem adequadamente os sinais da criança e reagem de maneira sensível as suas necessidades. Os pais que agem mais dessa forma têm filhos que aprendem a falar um pouco mais rapidamente, apresenta QI mais alto e desenvolvimento cognitivo mais rápido [...]. (BEE, 1995, p. 373).

Podemos citar também, pais que não possuem controles para com os filhos, não possui voz ativa, deixando que a criança tome conta de toda a situação. Evento, que também faça com que o aluno decida se vai querer se dedicar aos estudos, ou não. Logo, se faz necessário que as crianças tenham disciplina em casa para que sejam bons alunos na escola. Porém, há pais que “ se perdem em discussões ou são vagos em relação ao que é esperado ou tolerado” (BEE, 1995, p. 374).

Neste sentido, “as crianças com pais altamente permissivos - que exercem um controle insuficiente – provavelmente apresentarão uma independência apenas moderada e pouca consideração pelos outros”. (BEE, 1995, p. 375). Tal condução familiar contribui para gerar crianças desobedientes, onde, em sala de aula, não levaram em consideração a presença da professora, agindo de forma desrespeitosa, afetando gravemente a sua aprendizagem. Logo, acarretando também, a sua entrada em uma turma de Correção de Fluxo.

2.3.2 Escola: espaço de convivência

Os meios que circulam as crianças são diversos, porém, a escola é a “segunda casa” delas, e para algumas chega a ser a primeira. É na escola que a

criança interage socialmente e a partir daí começa a criar sua própria personalidade. Por conseguinte,

Durante esses 10 ou 12 anos formativos, as crianças aperfeiçoam suas habilidades sociais no contexto dos contatos com os companheiros e estabelecem crenças e atitudes cruciais a respeito de suas próprias capacidades [...]. Essa crenças e atitudes irão moldar ou limitar as escolhas que elas farão mais tarde, na infância e na idade adulta. (BEE, 1995, p.403).

É na escola onde as crianças conhecem outras crianças, interagem com pessoas diferentes, aprende a falar diversas palavras novas, aprendem os primeiros conceitos em que vão levar para toda a sua vida. Logo, é na escola também onde elas podem adquirir o seu primeiro trauma, através das próprias crianças e até mesmo através dos professores. “Nem sempre a escola é a responsável por todo processo culposos que cada um de nós carrega, mas reforça (e muito) esse processo”. (LUCKESI, 2002, p.51). Traumas esses, que elas irão levar consigo sequelas eternas, mesmo que por vezes, elas não os recordem claramente.

No passado, quando ocorria um erro partindo do aluno, ele era castigado com réguas, palmatórias e até mesmo ficando de joelho no milho ou no feijão. Atualmente, tais práticas não são mais aceitas dentro das escolas, porém, alguns professores usam o medo e a vergonha para continuar castigando-os, o que gera nos alunos, não somente uma baixa autoestima, mas também a autopunição, que, “Ao ser reiteradamente lembrado da culpa, o educando não apenas sofre os castigos impostos de fora, mas também aprende mecanismo de autopunição, por supostos erros que atribui a si mesmo”. (LUCKESI, 2002, p. 51).

Sobretudo, podemos depositar a responsabilidade do fracasso escolar somente na escola, mas, sabemos que ela tem uma porcentagem alta de responsabilidade no desenvolvimento do aluno. E, o professor como sendo um dos responsáveis pela aprendizagem escolar, deve ter um olhar mais voltado para o aluno, para cada um individualmente, e fazer do erro, uma grande descoberta, um novo aprendizado. “O erro tem grande importância e pode se transformar em suporte para o conhecimento”. (ALBUQUERQUE, 2016, p. 9).

Há também, pais que desacreditam na escola, por estar de cidade em cidade diversas vezes por ano ou por motivo de trabalho, entre outros fatores, acabam não matriculando a criança na escola, ou transferindo-a inúmeras vezes durante o ano letivo. Privando essa criança de estabelecer uma grande relação com o conhecimento.

A criança quando não frequenta a escola, perde a oportunidade de aprender coisas novas, de desenvolver os seus conhecimentos, e principalmente, perde a oportunidade de conhecer sua cultura se socializando com professores e outros colegas de turma, que traz consigo também, grande aprendizagem e ensinamentos. Contudo, pode-se afirmar que “frequentar a escola ajuda as crianças a pensar”. (BEE, 1995, p.402).

2.3.3 Avaliação Escolar

Atualmente entre pais, professores e alunos, é visível a atenção voltada somente para a aprovação do aluno de uma série para outra sem dar a devida atenção as suas conquistas, desenvolvimento e aprendizagem, levando em consideração somente os vestibulares. Geralmente os professores só avaliam os seus alunos de acordo com o resultado da prova, dando a ela uma significação quantitativa, dando predominância às notas e esquecendo do mais importante que é o processo de ensino/aprendizagem. E por vezes acaba entrando em sena a “pedagogia do exame”, que nada mais é que,

Equivocadamente, “a nota” é o centro das atenções e é compreendida como a referência: a) Da ideologia que sustenta esta tendência: educação no sentido do macro, do acúmulo de saberes, dos conteúdos descolados da realidade, das provas desconectadas com o processo de aprendizagem. “Medir” o que o aluno “devolve” ao final do mês ou bimestre. (ROQUE, 2011, p. 5).

O que visivelmente não é eficaz, pois, o aluno pode ser um dos melhores da turma, alta frequência, realiza todas as atividades com precisão, e somente no dia da avaliação pode estar passando por algum problema, alguma dificuldade que vai impossibilitá-lo de respondê-la se utilizando dos conhecimentos adquiridos durante o bimestre.

Levando em consideração a citação anterior LUCKESI (2002), afirma que “o sistema de ensino está interessado nos percentuais de aprovação/reprovação do total dos educandos; os pais estão desejosos de que seus filhos avancem nas séries de escolaridade”. Logo, acabam esquecendo-se do principal que é a aprendizagem do aluno. Por vezes, os professores ao sentirem que não estão com eficácia em suas aulas, acabam utilizando a avaliação como um objeto motivador negativo, para que o aluno estude, além do que ele explana em sala de aula. Luckesi afirma que “Quando

o professor sente que seu trabalho não está surtindo o efeito esperado, anuncia aos seus alunos: Estudem! Caso contrário, vocês poderão se dar mal no dia da prova”. (LUCKESI, 2002, p. 18 e 19).

O que classifica o aluno para uma série posterior é a avaliação feita pelo professor, que por vezes, através de métodos tradicionais, desconsiderando as formas de aprendizagem de cada aluno, com avaliações escritas e trabalhos em excesso, não transparece o que de fato foi absorvido e aprendido pelo aluno. Pois: “O estudante deverá se dedicar aos estudos não porque os conteúdos sejam importantes, significativos e prazerosos de serem aprendidos, mas sim por que estão ameaçados por uma prova”. (LUCKESI, 2002, P.19).

De certa forma, é fato concreto que em escolas públicas dos municípios mais distantes e, até mesmo em escolas particulares de grande ou pequeno porte, há crianças que apesar da sua vida social ser sofrida ou sem atenção, tem desempenho e um desenvolvimento escolar perfeito, é onde os professores tem de usar uma sensibilidade sem tamanho e ser empático. Não usar a avaliação como algo ruim. Logo, é fundamental que haja um despertar dos professores, que não avalie seu aluno somente por uma simples avaliação escrita. Corroborando desta constatação, Lacerda (2007, p.7), defende que:

Uma das providências é melhorar a qualificação dos professores e formá-los para poderem elaborar uma avaliação de qualidade, pois uma simples avaliação não pode revelar aquilo que o aluno de fato aprendeu e, constitui, dessa forma, um dos fatores que contribui para a repetência.

O sistema autoritário de avaliação chega a ser uma crueldade perante aos alunos, professores arrogantes e descompromissados geram desinteresse nos alunos fazendo com que eles desistam da escola. A avaliação classificatória tem um grande poder nas mãos de quem quer oprimir os alunos, pois, ao reprovar, um ponto muito sensível entre os homens é afetado, a sua autoestima, podendo ser rotulado como incapaz e se sentindo inferior. Algo que só se agrava a cada ano, tornando mais propícia a sua entrada numa turma de Correção de Fluxo.

2.3.4 Dificuldades de aprendizagem

Um dos fatores que desencadeiam o fracasso escolar, são as dificuldades de aprendizagem, que “consistem-se em desordens neurológica, as quais causam

interferência com a recepção, expressão ou integração de informação, cuja característica em geral é uma acentuada discrepância entre as potencialidades estimadas do estudante e a sua realização ou produção escolar”. (PONTEL, 2013, p.13).

Por diversas vezes, as dificuldades de aprendizagem passam despercebido nas crianças, por não apresentarem lesões no cérebro, psicomotoras ou na face.

Dificuldade de aprendizagem significa um distúrbio em um ou mais processos psicológicos básicos envolvidos no entendimento ou no uso da linguagem, falada ou escrita, que pode se manifestar em uma aptidão imperfeita para ouvir, pensar, falar, ler, escrever, soletrar ou realizar cálculos matemáticos. (GRIGORENKO; TERNEBERG, 2003 p.29 apud, SILVA S/D).

Mas, através da observação em sala de aula com a professora e em casa com os familiares e responsáveis, pode-se identificar na criança durante suas tarefas, dificuldades no desenvolvimento da aprendizagem (DA):

[...] uma criança e/ou estudante pode ser identificada como havendo ou não DA's quando não alcança os resultados proporcionais aos seus níveis de idade e capacidades, quando apresenta significativa discrepância entre seu desenvolvimento escolar e sua capacidade intelectual de expressão oral, compreensão auditiva, expressão escrita, capacidade básica de leitura, compreensão da leitura, cálculos e raciocínio matemático. (PONTEL, 2013, p, 3).

A descoberta da dificuldade de aprendizagem e o acompanhamento adequado com especialistas fará com que a criança se desenvolva mais rápido. De acordo com Lacerda (2007, p. 10): “é importante que a criança que apresenta dificuldade de aprendizagem seja detectada logo nas séries iniciais e encaminhada para especialistas que possam trabalhar com suas dificuldades evitando assim o fracasso escolar e as frustrações”.

As dificuldades de aprendizagem não se dão através de fatores ambientais, diferenças culturais, deficiências mentais, entre outros. Se dá através de fatores que geralmente ocorrem quando a criança ainda está na barriga da mãe, como afirma PONTEL (2013):

[...] está presumivelmente, localizada no sistema nervoso central dos indivíduos, em que um conjunto de fatores diversificados, tal como a hereditariedade, os excessos de radiação, os usos de álcool ou drogas durante a gravidez, as insuficiências placentárias, as incompatibilidades Rh com a mãe (no caso de quando não é tratada),

o parto prolongado ou difícil, as hemorragias intracranianas durante o nascimento, a anorexia, traumatismo craniano, tumores e derrames cerebrais, mal nutrição, substâncias tóxicas (como o chumbo) e negligência ou abuso físico, contribui para a emergência destas dificuldades. (PONTEL, 2013, p. 4).

Logo, observa-se que as dificuldades de aprendizagem não se dão somente do interior da criança, fatores como complicações durante o parto e uso de drogas durante a gestação podem gerar sequelas na criança durante toda a sua vida e ser depositado na escola. Dificuldades de conhecer as letras, início tardio da leitura, escrita ilegível, má comportamento, são alguns exemplos de eventos que ocorrem com crianças que tem algum tipo de dificuldade de aprendizagem. Onde, se não for detectado nos primeiros anos escolares, para que se tome as devidas providências pelos pais e pela escola, o aluno acaba reprovando, e ao ver os seus colegas se desenvolvendo e ele ficando para trás, acaba criando nele um bloqueio, que se fixa no aluno, ano após ano.

2.3.5 Reprovação

O alto número de repetência escolar é uma das causas que fazem com que o aluno chegue a uma turma de correção de fluxo, sabendo que, não é repetindo a série já estudada que o aluno vá aprender mais. A repetência pode gerar no aluno uma grande frustração, criando uma barreira psicológica que o atormentará. Assim, Oliveira (2012) afirma que:

Com isso evidencia-se que a repetência, parece não acrescentar nada ao processo de ensino e aprendizagem, até porque os alunos tornam-se multirrepetentes em turmas cujas metodologias e materiais não foram satisfatórios para sua aprendizagem. (2012, p.22).

Porém, antes de reprovar um aluno, o professor deve levar em consideração vários fatores como:

[...] problemas psicológicos, cognitivos, familiares e neurológicos próprios da criança, as barreiras no processo de aquisição do conhecimento, cada vez mais, são também atribuídas por educadores e psicopedagogos às causas externas, no âmbito da escola e das condições socioeconômicas dos estudantes. (LACERDA, 2007, p.2).

Durante o ano letivo, ocorrem vários fatores que podem fazer com que a criança em sala de aula se interesse mais pelos estudos, ou o abandone totalmente.

Antigamente, quando o aluno errava alguma questão da atividade ou pergunta oral que era feita em sala, ele era castigado de forma insensível, eram castigos físicos como a palmatória, ficar de joelho no milho, entre outras coisas. Felizmente, não se usa mais tal método. Porém, os alunos ainda são castigados verbalmente, o que pode causar danos emocionais, cujas consequências estão sendo cada vez mais estudadas desde que

O castigo que emerge do erro, este que pode ser verdadeiramente ou suposto, marca o aluno tanto pelo seu conteúdo quanto pela sua forma. A postura de ameaças empregadas, e com continuidade, garantem a instalação do medo, da ansiedade e da vergonha de modo ininterrupto. Essa sensação permanente tem um preço: desinteresse, falta de atenção, fuga das responsabilidades escolares, questões emocionais e dificuldades de aprendizagem. (ALBUQUERQUE, 2016, p.8).

Além de o aluno sofrer com o castigado da escola, ele também sofre com a autopunição. Tais castigos fazem com que o aluno não se sinta mais tão à vontade na escola, a escola deixa de ser aquele ambiente agradável e de alegria e passa a ser uma rotina chata que desanima cada dia mais o aluno, ocasionando o desinteresse e por vezes, até mesmo uma grande evasão escolar.

3. METODOLOGIA

3.1 Instrumento de pesquisa

Como instrumento de pesquisa foi usado a entrevista semiestruturada distribuída à gestora, coordenadora pedagógica e a professora titular da turma de Correção de Fluxo, com a finalidade de analisar em suas respostas, junto ao embasamento teórico, as causas do fracasso escolar dos alunos da turma. A entrevista foi direcionada também aos alunos da turma de Correção de Fluxo, podendo averiguar as respostas e a opinião de cada aluno, junto a fundamentação de diversos teóricos.

3.2 Sujeitos de pesquisa

Os sujeitos de pesquisa serão identificados como: Gestora, Coordenadora e Professora. Os alunos serão identificados através de letras e números como: A1, A2, A3, assim sucessivamente.

A Gestora é do gênero feminino, atualmente exercendo a função de diretora, tendo sido reeleita no início do ano de 2018 através da eleição democrática. Graduada em Letras-Português e Inglês, com especialização em Gestão Escolar, atuando nessa instituição a 30 anos.

A Coordenadora, do gênero feminino, exerce a função de coordenadora pedagógica. Graduada em Pedagogia, atuando no município de Nossa Senhora do Socorro como docente a 18 anos e como coordenadora dessa instituição a 02 anos, não sendo reeleita na eleição democrática.

A Professora, também do gênero feminino, graduada em Pedagogia e Pós-graduada em Psicopedagogia Clínica e Institucional. Já atuou no município de Nossa Senhora do Socorro como gestora e atua nessa instituição como docente. A turma de Correção de Fluxo, composta por 24 alunos do gênero feminino e masculino, com idades entre 10 e 14 anos, onde a série de origem é entre o 2º e 4º ano do Ensino Fundamental.

3.3 Procedimentos de Pesquisa

Neste tópico será apresentado como se deu a observação e a entrevista, cuja duração foi de dois dias. Os sujeitos entrevistados foram a diretora, a

coordenadora, a professora e com os alunos da turma de Correção de Fluxo, que no dia da entrevista estavam presentes 22 alunos.

O início dos contatos no campo empírico ocorreu a partir da entrevista com a coordenadora pedagógica, sendo questionada sobre a sua visão a respeito da turma de Correção de Fluxo. Questões objetivas e claras, podendo esclarecer também a sua opinião sobre a vida social de cada aluno e as causas que fizeram eles chegarem até ali, com tal defasagem.

Em seguida, foi aplicado a entrevista à gestora da instituição, onde, apontou com clareza a sua concepção sobre a turma de Correção de Fluxo, indagando também, na sua opinião, onde está a lacuna no desenvolvimento de cada aluno e o que a escola pode fazer para que eles não cheguem a essa turma.

No dia seguinte, foi entrevistada a professora titular da turma, uma entrevista dinâmica, divertida e satisfatória, onde, através de suas experiências em sala de aula, pode responder com clareza as indagações, trazendo exemplos do seu cotidiano em sala de aula para embasar as suas respostas e expondo a sua opinião sobre cada aluno, sobre a turma em geral e sobre o Projeto Correção de Fluxo, dentro e fora dessa instituição.

Logo após, observou-se de maneira sistemática a turma de Correção de Fluxo, primeiro na hora do lanche e depois durante a aula. Não houve a oportunidade de observá-los no recreio, pois, na instituição, tal momento é organizado por cada professor e nos dias da pesquisa, a professora não direcionou nenhuma atividade recreativa para a turma.

Por fim, os alunos foram entrevistados em grupo, onde, fui recebida com carinho e atenção de todos, sendo um momento descontraído em que eles responderam aos questionamentos com precisão e clareza, relatando pontos de sua vida pessoal, familiar e entre amigos. Destaca-se que foi escolhida tal grupo de alunos como objeto de estudo, por se tratar de uma turma onde os alunos já frequentam a classe de Correção de Fluxo por mais de um ano, havendo assim, um gritante e silencioso chamado desses alunos para que haja um olhar diferenciado sobre eles.

4. ANALISE DOS RESULTADOS

Reitera-se aqui a indagação principal da pesquisa, que é identificar os eventos que ocorrem na trajetória escolar dos estudantes do ensino fundamental e o

que faz com que eles adentrem numa turma de Correção de Fluxo. Neste tópico serão apresentados os resultados obtidos mediante a aplicação da entrevista semiestruturada aos sujeitos da pesquisa. Logo após a leitura das perguntas que compõe o questionário e as suas respectivas respostas, optou-se por delimita-se e dividir a apresentação e análise dos dados coletados entre eixos temáticos tendo como norteador o referencial teórico consultado no sentido de compreender e ampliar o conhecimento sobre a temática em tela.

4.1 O Projeto Correção de Fluxo

Na escola indagada, as turmas de Correção são divididas em duas, onde, uma é intitulada como “Alfabetização”, que são aqueles alunos com idade avançada que não conseguiram ser alfabetizados, não sabem ler nem escrever, e a outra nomeada como “Aceleração”, alunos com idades superiores a sua série de origem, porém, são alfabetizados e o projeto auxilia esses alunos a chegarem a uma série correspondente a sua idade. Por exemplo, alunos com 13 anos de idade cursando o 5º ano do ensino fundamental, esse aluno entra em uma turma de Correção de Fluxo e através do seu desempenho e desenvolvimento durante todo o ano letivo ele é reclassificado, podendo ir para o 6º ou 7º ano do Ensino Fundamental. Diante de tal afirmação, foi questionada a professora: Qual a diferença entre as duas classificações e em qual delas a turma se enquadra?

- Então alfabetização é aquele que chega sem ler absolutamente nada, tem uns que chegam até com rabiscos, garatujas e ele vai passo a passo, é todo um processo do zero, ele vai gradativamente aprendendo todo um processo da alfabetização mesmo, da leitura e da escrita. Na aceleração, já pode se comparar com nível de alunos do 4º e 5º ano, eles já leem e escrevem, então o conteúdo deles já é mais abrangente. E a alfabetização não, você tem que bater, leitura e escrita todo o tempo. (Professora)

Logo, pode-se afirmar diante do depoimento da professora que o essencial da turma de Aceleração é nivelar os alunos a sua turma de origem, por exemplo, alunos que são do 4º ano, devem concluir o ano letivo capacitado para ser remanejado para uma ou duas séries adiante, no caso, ir para o 5º ou 6º ano.

- Isso, por que em tudo que eles já leem e escrevem, vai ser planejado conteúdos programados da mesma situação do 4º e 5º ano, e aqueles que se sobressaírem, é onde aceleravam. (Professora)

A professora foi questionada também sobre a sua opinião de acordo com a separação da turma, Aceleração e Alfabetização, será que de fato é eficaz? Fica

visível que através da sua experiência em turmas de Correção de Fluxo, ela conseguiu contornar uma turma mista, com alunos analfabetos e alunos já alfabetizados. Porém, ela ressalta não ser um trabalho fácil, e no meu conceito, para um professor assumir tal turma, é necessário não só o conhecimento científico, mas também as ricas experiências que a professora entrevistada continha.

- É, por que cada caso é um caso. São objetivos diferentes. Houve uma época que a instituição não teve aluno suficiente para formar as duas turmas e eu já passei por essa experiência e tive que dividir a turma na própria sala. Lado direito alfabetização, lado esquerdo aceleração, e foi terrível. Por que os da aceleração se metiam com os assuntos da alfabetização e depois foi que me deu um estalo assim, e aí eu apadrinhei, quem era aceleração virou padrinho de quem era da alfabetização e eu coloquei sentados juntos e aí começou uma disputa, “O meu afilhado está na frente”, houve essa época e foi muito gostoso. Só que depois eu cortei, pois, ficavam tripudiando quando não acertavam uma palavrinha, mas, depois que eu tive essa ideia melhorou bastante. Quando era a parte a aceleração, que era a de conteúdo, eles faziam só e quando chegavam no lado da alfabetização eles não ficavam parados e já me davam um suporte. Eu nomeei como os padrinhos e seus afilhados. (Professora).

Observa-se que, partindo da sua experiência em sala de aula, diante de um grande desafio que foi lecionar em uma turma “mista”, onde havia alunos da turma de Aceleração e da Alfabetização, a professora conseguiu contornar a situação e fazer com que nenhum dos alunos saísse em desvantagens, utilizando um método que abrangeu as duas classes e tornando a aula mais dinâmica para ambas as partes.

Questionou-se à Gestora e à Coordenadora sobre se a escola recebe alguma verba específica para receber os alunos do Projeto Correção de Fluxo, onde, salientaram que:

- Não, eles entram na verba do ensino fundamental, do 1º ao 5º ano. Como é um projeto municipal com lei, estabelecida, tudo direitinho, tudo nos seus conformes. Como é um projeto, quando a gente cadastra lá no censo, não cadastra ele só como projeto correção de fluxo, tem uma turma intitulada Correção de Fluxo, mas lá nessa turma temos que dizer de que série o aluno é, então ele está inserido na série. Está na turma de correção de fluxo, mas pede a série dele, por exemplo, se é 3º ano ou 4º ano, que a correção de fluxo é do 2º ano ao 5º ano. (Gestora).

Logo, entende-se que a verba que a escola recebe para essa turma, é a mesma que entra para os alunos da série regular que é repassada através do Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação - FUNDEB, pois, os alunos da turma de Correção de Fluxo

são cadastrados como sendo de uma série regular, nesse caso, sendo da sua série de origem.

A coordenadora ao ser questionada sobre a verba, explana que a escola não receber em dinheiro e sim em recursos pedagógicos, como os livros paradidáticos.

- Na época do Ayrton Senna⁴ recebia, hoje não. Eles ainda mandam recursos, por exemplo, algumas caixas de livros chegaram no ano passado. (Coordenadora).

Ressaltando que atualmente o Instituto Ayrton Senna não mantêm mais o Programa Correção de Fluxo, pois, o município de Nossa Senhora do Socorro desvinculou-se, optando por prosseguir com o projeto “sozinho”, sem a chancela do Instituto Ayrton Senna.

A Coordenadora e a Gestora foram questionadas também, sobre o desenvolvimento da turma de Correção de Fluxo, elas retrucaram que:

- Eu acho assim, aqueles que se interessam mais, aprendem. Aqueles que querem aprendem. Como por exemplo o menininho “M”, ele está lendo, coisa que o ano passado ele não falava nada. Esse ano ele está lendo quase que fluente. É um avanço? Com certeza. (Gestora).

A Gestora salienta que, o desenvolvimento da turma está naqueles alunos que se interessam em aprender, apontando ligeiramente o seu desenvolvimento diante os outros. Porém, penso que em tal turma, se deve dar mais atenção aqueles alunos que não possuem um desenvolvimento satisfatório, aqueles que por algum motivo não conseguem aprender como os outro. Contudo, a Coordenadora mostra um pensamento mais voltado para o aluno, quando retruca:

Os avanços obtidos é quando eles conseguem superar o “eu”, superar as suas necessidades físicas e mentais e que voltam para sua turma de origem. Por que tem a correção de fluxo em aceleração e alfabetização, e quando eles conseguem se alfabetizados é um avanço imenso, eles saem super alegres e realizados. E quando eles conseguem ser acelerados, melhor ainda. E eu tive alunos que foram acelerados e que não pararam não, que continuaram e que hoje estão formados. (Coordenadora).

⁴ O Instituto Ayrton Senna é uma organização sem fins lucrativos, que nasceu em novembro de 1994, para que crianças e jovens tenham oportunidade de desenvolver seus potenciais por meio da Educação de qualidade, em todo o Brasil. Fruto do desejo do tricampeão mundial de Fórmula 1 Ayrton Senna, concretizado pelas mãos de sua irmã, Viviane Senna, o Instituto beneficia anualmente 1,5 milhão de crianças e jovens, forma 45 mil educadores e impacta aproximadamente 600 municípios em 16 Estados brasileiros. (SOUZA, 2017).

A Coordenadora relacionada a aprendizagem do aluno com a sua autoestima. Quando aluno reconhece o seu potencial, ele acaba adquirindo mais força de vontade para alcançar as suas metas, se desenvolvendo melhor na escola, e em qualquer outra atividade que ele vá praticar. Assim, SILVA (S/D) afirma que:

É de suma importância para a aprendizagem uma autoestima elevada através da afetividade entre ensinante e aprendente, pois a autoestima elevada faz com que o indivíduo se valorize, descubra a sua importância no mundo. Assim, o indivíduo tem uma mente livre para adquirir conhecimentos, o seu desejo pelas descobertas é mais aguçado, pois a pessoa está bem consigo mesma para enfrentar seus problemas e satisfazer seus interesses. (SILVA, S/D).

Ao ser questionada sobre a sua opinião diante a turma atual do Projeto Correção de Fluxo na Instituição, a Gestora apontou satisfação quanto aos resultados até então alcançados, enfatizando a turma de Aceleração, pois, ela se sente realizada ao ver os alunos voltando a sua série regular.

Eu acho bom. É um projeto muito bom. Por que a gente ajuda eles né?! Principalmente quando tem uma turma de aceleração. Quando tem uma turma de aceleração, alfabetização é ajudar, mas é um ajudar que no próximo ano ele não vai para a série que é para ele está na realidade. E na aceleração, aí sim ele consegue, a gente consegue com que ele acompanhe a idade com a série, não fique tão distorcido quanto. Por que a distorção deles vem muito do estímulo de aprendizagem deles que eles não têm mais. (Gestora).

E novamente traz a autoestima como sendo um dos fatores de suma importância para o desenvolvimento dos alunos dessa turma. E aponta o professor como o responsável para instigar e desenvolver a tal autoestima nesses alunos.

Quando chega na correção de fluxo, muitos deles já perderam o estímulo e estão com a autoestima lá embaixo e se não tiver um professor que esteja ali, chegue e vamos, você pode, você consegue, a correção de fluxo é pura autoestima que eles precisam. Para que eles consigam, eles mesmos vejam que eles podem, muitos acham que não pode. (Gestora).

Já a Coordenadora ao receber o mesmo questionamento sobre a opinião diante a turma de Correção de Fluxo, aponta também a autoestima desses alunos.

São crianças que têm bastante déficit de aprendizagem e além disso, têm bastante carência emocional. Então, a primeira coisa que se deve fazer na Correção de Fluxo é aumentar a autoestima dessas crianças. Chegar na mente delas, no coração delas e fazer com que elas

acreditem em si mesmas, para depois, jogar conteúdo e aprendizado. (Coordenadora).

Por fim, é possível concluir que o Projeto Correção de Fluxo, dividido em duas turmas denominadas em Aceleração e Alfabetização e, de acordo com as respostas obtidas, observou-se que os alunos de tal turma necessitam de metodologias que elevem a autoestima de cada um, melhorando assim o seu desenvolvimento escolar e facilitando a sua saída dessa turma.

4.2 Relacionamento entre os pais dos alunos, gestora e professora

Ao falarmos sobre o relacionamento da Gestora, Coordenadora e da Professora com a turma, observou-se que ambas acreditam ter uma boa relação com os alunos da turma:

Super bem. Trato como se fosse os meus filhos, ou melhor. Por que em casa eu dou bronca e aqui eu aliso. (Gestora)

Eu me dou bem com os meus alunos. Eles gostam de mim. Onde passo sempre me beijam e me abraçam. (Coordenadora)

Amigável, de parceria. (Professora)

Logo, podemos considerar a partir das respostas obtidas que as respondentes mantêm um bom relacionamento com os alunos, o que é indispensável, independente da turma em questão. Neste sentido, LOPES (S/D), afirma que:

Quando o professor atua nessa perspectiva, ele não é visto como um mero transmissor de conhecimentos, mas como um mediador, alguém capaz de articular as experiências dos alunos com o mundo, levando-os a refletir sobre seu entorno, assumindo um papel mais humanizador em sua prática docente. LOPES (S/D)

Por trabalhar na Instituição pesquisada, torna-se perceptível pela pesquisadora, constatar tal relacionamento da professora com os alunos da turma de Correção de Fluxo, o que permite ressaltar que o relacionamento entre eles é de confiança e amizade. A professora exerce o diálogo de forma prática e não ofensiva, mostrando companheirismo sem perder o respeito necessário para o desenvolvimento das aulas.

Ao serem questionadas sobre o relacionamento com os familiares dos alunos da turma de Correção de Fluxo, a Gestora e a Coordenadora transpareceram um pouco de insatisfação, porém, responderam:

Até que sim né?! Nunca tive nada de mais não. Nenhum atrito. Acho que tenho um bom relacionamento. Tenho. É o essencial para que o projeto dê certo. Por que se a gente não tiver essa conversa, esse negocinho, esse chove não molha, até pelo WhatsApp mesmo a gente tem que trocar ideia, se não, não dá. Não flui de jeito nenhum, principalmente dessa turma. A turma desse ano está muito complicada. (Gestora).

É notável o envolvimento da Gestora com os familiares dos alunos, até mesmo por meio das redes sociais, sempre chamando, conversando, alertando aos pais sobre a necessidade gritante de um acompanhamento maior, em específico na turma de 2018 do Projeto Correção de Fluxo.

Para mim, eu acho um relacionamento bom, tranquilo. Agora, eu acho que eu deveria ser mais extrovertida. Assim, com os familiares eu sempre procuro chamar, convido para vim a escola. Mas eles são muito ausentes, mesmo chamando eles faltam bastante. Por que pensam que estamos chamando só para reclamar. Eu tenho um relacionamento melhor com os alunos do que com os pais. Para as reuniões as vezes aparecem poucos. (Coordenadora)

Assim, mesmo com toda resistência, entende-se que há um bom relacionamento entre os familiares e o corpo diretivo escolar. Porém, mesmo com essa presença de alguns pais na escola, é visível que ainda há uma necessidade gritante de que haja maior participação ativa da família no acompanhamento dos educandos. Logo, mesmo os pais frequentando a escola, ouvindo os professores e ficando a par da situação desses alunos, é como se eles fechassem os olhos para a necessidade gritante do seu próprio filho no que se refere ao apoio na realização das atividades escolares.

Portanto, ressalta-se a importância da família dentro da escola, acompanhando as atividades escolares, comparecendo à escola semanalmente para saber do desenvolvimento, procurando dialogar não só com a coordenadora e diretora, mas também com a própria professora, visando estabelecer uma amizade que possa fortalecer ainda mais a aprendizagem do aluno. Sem esquecer que ambas necessitam andar juntas, uma fortalecendo a outra, construindo assim, uma

aprendizagem rica não só de conhecimento científico, mas, sobretudo promotora da elevação da autoestima. Por conseguinte, afirma Sousa (2017),

É necessário que família e escola se encarem responsabilmente como parceiras de caminhada, pois, ambas são responsáveis pelo que produz, podendo reforçar ou contrariar a influência uma da outra. Família e escola precisam criar, através da educação, uma força para superar as suas dificuldades, construindo uma identidade própria e coletiva, atuando juntas como agentes facilitadores do desenvolvimento pleno do educando. (SOUSA, 2017)

A Professora, ao ser questionada sobre o seu relacionamento com os familiares dos seus alunos, salientou que sente falta de alguns pais no dia-a-dia escolar, tornando este um dos motivos evidentes responsável pela repetência ou pelo baixo desenvolvimento desses alunos. Trouxe também um exemplo que vivenciou a pouco tempo, e imagino que tal ocorrido seja frequente.

Normal, até agora eu não tive nenhum problema. Quando eu chamo, eles não faltam, mas para poder chegar até mim, tem que ser mais de um bilhete, é mais de um recado, é aquela questão, eles jogam lá e não tem aquela assistência necessária, não existe uma parceria, e quando você encontra uma parceria, é um milagre, e ai aquela parceria é por que o parceiro em casa não está vendo rendimento. Como um caso que eu tenho na minha sala, o pai nunca veio me conhecer, quando me conheceu e que eu expliquei como era o procedimento, ele chegou em casa e cobrou da esposa, por que disse que ela não trabalhava e ela tinha que dar esse suporte a criança e ela não estava dando. Pelo que deu para entender, ele “fechou” quando chegou em casa, disse algumas coisas e agora ela vem com uma preocupação. (Professora).

É de fácil entendimento que é necessário a presença da família dentro da escola, o professor sente falta e sente também a necessidade de ter um apoio sólido. Tal aproximação da família na escola pode trazer um leque de oportunidades para o educando, uma delas é o aumento da sua autoestima. Saber que ele tem pessoas que zelam por ele, que o amam, e que se importa com seus avanços. “Com essa participação dos pais no processo de ensino aprendizagem, a criança fica mais confiante, uma vez que percebe que todos se interessam por ela, e também porque passam a conhecer quais são as dificuldades e quais os conhecimentos que ela tem”. (CREPALDI, 2017, p. 3)

Porém, por passarem uma boa parte do dia na escola, no convívio da professora e dos coleguinhas, por vezes, quando é solicitado a presença dos pais para uma conversa individual, eles acabam se admirando com a informação que

recebe. Assim Crepaldi (2017), constata: “alguns (as) professores (as) conhecem mais sobre o (a) aluno (a) que a própria família que, em muitos casos, surpreende-se ao ser chamada na escola para ouvir certos comentários em relação ao (à) filho (a)”.

Por fim, vale ressaltar que, sendo instituições de maior importância na vida da criança, a escola e a família necessitam caminhar juntas, fortalecendo e estruturando o alicerce necessário para que o aluno se sinta confortável para avançar no seu desenvolvimento e nas suas descobertas.

4.3 Desenvolvimento da escola após a implantação do Projeto Correção de Fluxo

Ao falarmos sobre o desenvolvimento da escola depois da implantação da turma de Correção de Fluxo, a Gestora salientou que houve sim uma melhora satisfatória e usa como exemplo o quantitativo de alunos na turma de Correção de fluxo que diminuiu e que vem diminuindo a cada ano.

Houve sim. A gente não ver assim claramente, mas, vamos lá colocar os pontos nos i's, os pinguinhos, a gente vê índice de reprovação diminuiu, mesmo tendo professores dizendo não passar os alunos, o índice de reprovação diminuiu. E graças a Deus, ano passado nós tínhamos menino cursando duas turmas (aceleração e alfabetização), esse ano a gente quase que não tem uma turma para correção de fluxo, para fechar a turma tivemos que sair catando. Nosso, aqui da escola, nós só temos uns 15 alunos da correção, os demais vieram de outra escola. A nossa primeira correção tinha 27 alunos com distorção e foi diminuindo, graças a Deus. Tem alunos com distorção no 3º ano, no 4º ano, mas a gente não pode negar a matrícula dele, então, colocamos na correção de fluxo. (Gestora).

Já a Coordenadora aponta a melhoria de acordo com os resultados do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica - IDEB. Tais dados são registrados através da Provinha ANA – Avaliação Nacional de Alfabetização, e da Prova Brasil, onde, de acordo com a quantidade de acertos geral das turmas, analisa-se o e qualifica-se a escola com uma nota. Logo, quanto maior a nota geral que a escola receber, ela também ficará reconhecida em sua comunidade e receberá uma quantidade maior de recursos através do FUNDEB.

Houve. Tanto houve que o nosso IDEB no último ano⁵ foi de 4.6. Um IDEB bom para escola pública. (Coordenadora).

⁵ Ano de 2017.

Entende-se que após a implantação da turma de Correção de Fluxo, houve melhorias no desenvolvimento da escola, pois, trabalhando a dificuldade do aluno individualmente ou até mesmo em um grupo que se possa trabalhar da mesma forma, o aluno tem mais chance de se desenvolver na leitura e na escrita, podendo elevar o índice de aprendizagem, tanto dentro da escola, quanto em relação aos resultados do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica – IDEB. Logo, quando tal nota aumenta com relação a nota da avaliação passada, a escola acaba recebendo mais verba, podendo fazer reparos ou compras necessárias para a escola.

4.4 Perfil dos alunos da turma de Correção de Fluxo

Durante as entrevistas, foi questionado também se os atuais alunos da Correção de Fluxo são repetentes. Se eles já frequentam essa mesma escola a muito tempo ou se eles vêm de outra escola.

Alguns são repetentes por quatro ou cinco anos. (Gestora)

Os desse ano não são calouros não, são repetentes (já passaram por uma turma regular e são repetentes da Correção de Fluxo). (Professora)

Logo, observa-se que os alunos da atual turma já têm um índice de reprovação muito alto, não só na sua série regular, mas também na turma de Correção de Fluxo, onde, fazendo uma comparação informal entre os dados mostrados pela escola e entre a observação individual de cada aluno, é visível que há uma contradição com a nota arrecadada do IDEB, que só aumenta. Porém, de acordo com a Portaria Nº 8907/2010 (2010, p. 3), Art. 7º, parágrafo único, o aluno quando repete de série em uma turma de Correção de Fluxo, deve-se voltar para sua turma de origem, uma turma de ensino regular.

Art. 7º O aluno oriundo dos Programas de Correção de Fluxo que não logrou aprovação e que, portanto, não desenvolveu as competências e habilidades esperadas, não poderá ser matriculado no mesmo programa.

Parágrafo Único – O aluno a que se refere o capítulo desse artigo deverá ser encaminhado para turma do Ensino Fundamental regular. (BRASIL, 2010, p.3).

Contudo, observa-se que tal índice de reprovação se contradiz com o resultado do IDEB, que a cada ano só aumenta. O objetivo maior da Turma de Correção de Fluxo é alfabetizar ou acelerar o aluno, porém, se tal desenvolvimento não é alcançado ao final o ano letivo, podemos afirmar que há algo bloqueando tal aprendizagem.

Ao ser questionada sobre o perfil dos alunos da turma de Correção de Fluxo, a Coordenadora novamente trouxe para o meio um assunto já abordado, a autoestima dos alunos.

Alunos desacreditados, alunos com a baixa autoestima muito grande, alunos que nem os pais mesmo acreditam neles. E que acham que precisam de alguém que abra a janela deles para eles acreditarem em si mesmos. Alunos que acha que uma boa parte é assim. Agora, existem outros que chegam ali por que os pais mudam muito, os pais não têm instabilidade e aí não conseguem superar. (Coordenadora).

A Coordenadora ressalta também a importância da família para uma boa autoestima do aluno, através de incentivos e elogios, mostrando sempre que o aluno é capaz. Porém, isso não acontece, o que mais vimos no dia-a-dia são os próprios pais diminuindo os seus filhos, fazendo questão de mostrar que ele não consegue aprender, que ele não é capaz. E tal ação que inferioriza o aluno, também afeta o seu desenvolvimento escolar.

Ao questionarmos sobre o comportamento dos alunos da turma Correção de Fluxo para a Coordenadora e a Gestora, houve respostas distintas: a Coordenadora cita que são alunos que necessitam de atenção, e seu comportamento agressivo ou distante é referente a isso. Entretanto, a Gestora salienta que tal comportamento é normal para a idade deles, alunos que estão na pré-adolescência e que já estão entrando na adolescência tende a ter o seu comportamento diferenciado.

Acho o comportamento normal de todo pré-adolescente que está entrando na adolescência. São casos isolados que a gente vê que tem um agressivo, mas a gente consegue contornar a situação dele. A gente vê que tem certos lugares ai que não tem. É faca, é não sei o que, graças a Deus aqui não tem né. (Gestora)

Crianças que fazem de tudo para chamar atenção. O que eles poderem fazer para chamar atenção eles fazem. (Coordenadora).

Questionou-se a professora se em sala de aula há algum aluno que mostra resistência na aproximação com a turma e até mesmo com ela.

É por que tem uns que eles são carentes, eles não têm esse habito de chegar muito junto não. Você tem que chegar até eles. Observar se assim, até um carinho, até quando você vai passar a mão no ombro, afagar, ai eles se encolhem, por que eles não estão habituados aquilo. Ai você vai podando no dia-a-dia e tal, pois, quando eles veem uma palavra de afeto, você quebra totalmente as forças dele. E o que faltam neles é a autoestima. (Professora).

A professora ressalta a carência que alguns alunos trazem para sala de aula, a ponto de terem receio de um abraço, de um carinho. E mais uma vez é apontada a questão da autoestima dos alunos, enfatizando a sua importância não só no meio escolar como também na manutenção e cultivo de interações envoltas por atitudes afetivas.

Atualmente, diversas crianças com deficiências adentram as turmas regulares de ensino, e na turma de Correção de Fluxo não é diferente. Foi questionado à professora se em sua turma há alunos com deficiência diagnosticada.

Sim. Na realidade, a turma toda em si deveria ter um diagnóstico, cada um deveria ter o seu próprio diagnóstico. Se não de uma coisa, de outra. Eu acredito que, a aluna “J”, deve ter diagnóstico Pelo que eu tenho conhecimento, só ela e mais dois, que essa psicopedagoga veio, e ela mesma construiu um diagnóstico dos dois. Mas o restante, se realmente fosse estudado a fundo, por que você percebe aquela questão da troca do “p” pelo “t”, troca muito o “d” pelo “b”, e você sente que a aprendizagem dele não rende por que há algo a mais por trás, junta o problema de casa com mais o problema de cabecinha de cada um, que não é diagnosticado e não é trabalhado por não se ter conhecimento, nenhum professor pode fazer isso, ai acaba reprovando. (Professora).

A análise da resposta emitida pela professora permite ressaltar que a maioria dos alunos dessa turma, se observados de perto por um especialista, irá constatará que tem algum tipo de deficiência cognitiva ou dificuldade de aprendizagem. Alunos com dificuldades de leitura e escrita, que em uma série regular, em uma turma superlotada, o professor não consegue observá-lo e avaliá-lo corretamente, é onde esse aluno acaba reprovando, não só por um ano letivo, mas por vários, e por fim, chega a uma turma de Correção de Fluxo.

Através da resposta da professora se fez necessário questionar a coordenadora: Mesmo com relatório da psicopedagoga, esses alunos podem permanecer numa turma de Correção de Fluxo?

Não. De acordo com o princípio das orientações que foram dadas no início, não poderia de jeito nenhum. Ai, no mesmo que passou a ser organizado e orientado pelo município, eles abriram uma exceção. Por isso que convidamos uma psicopedagoga de secretaria de educação esse ano. Ela esteve aqui na escola e fez um diagnóstico da maioria da turma da Correção, só estamos esperando o relatório dela. (Coordenadora).

Foi indagado também se esse aluno especial que apresenta diagnóstico é acompanhado por algum médico e se faz uso de medicamentos diários.

Toma. Pelo que a mãe me passou, é a única que eu sei que toma alguma medicação. Agora, os demais não, até por que, não tem diagnóstico. Sem contar, que tem mães que não aceitam, não admitem, que o filho tem algum problema. Por conta disso, já não leva a um especialista, ai ao invés de ajuda-lo, atrapalha, piora a situação, por que o “bichinho” está precisando de um especialista que veja ele com outros olhos e façam com que esse especialista conscientize a mãe que ele é daquele jeito, sem capitar as coisas, por conta desse diagnóstico que ele descobriu, mas, elas não aceitam. (Professora).

A professora acredita que os demais alunos necessitam passar por uma avaliação para ter uma resposta mais concreta e poder ajudar os seus alunos baseando-se em suas necessidades. Todavia, ressalta que os familiares não aceitam que o aluno possa ter algum tipo de dificuldade de aprendizagem ou deficiência cognitiva e acaba dificultando a sua própria aprendizagem. Como já foi ressaltado anteriormente, alguns pais preferem desestimular seus filhos, ao invés de ajudá-los levando-os até um especialista de modo a obter diagnóstico efetivo sobre seu filho.

A aluna “J” é diagnosticada com retardo mental e está inclusa na turma de Correção de Fluxo desde o ano anterior de 2017. Ela é acompanhada por médicos especialista, mas nenhum voltado para sua deficiência de aprendizagem. Foi questionado à professora se há algum tipo de auxiliar/cuidadora, que possa ajudá-la no desenvolvimento de suas atividades.

Infelizmente não, gostaria muito. Principalmente com esses que tem diagnóstico. Esse é o meu grande sonho. Por que, em todos esses anos que eu já ensinei a correção de fluxo, esse é o primeiro ano que tem criança com deficiência na sala, nunca houve. Ela sempre ficou na série regular. Fica muito difícil e a atenção é basicamente nenhuma, por que todos precisam de atenção, e tem que dar atenção igual para todos. Ai como fazer isso? (Professora).

A professora aponta uma realidade evidente: um aluno com qualquer tipo de deficiência ou dificuldade, necessita de atenção específica para que possa se desenvolver. Fica claro que em uma turma com 24 alunos, uma única professora não consegue atender a todas as necessidades sem o auxílio.

Ainda em se tratando dos alunos especiais, foi questionado à professora se aqueles alunos estavam amparados por lei, para permanecer numa turma de Correção de Fluxo.

De acordo com a diretora sim. Eu não tenho conhecimento. Eu sei que assim, existe a lei que ampara para que eles fiquem no ensino regular. Interagindo, se sociabilizando com os colegas das séries regulares, não especificamente na correção de fluxo. Para mim é uma novidade. Eu interpretei como um depósito, eu não quis criar caso, mas, tipo assim, ali já estão as bênçãos que já não rendem, ai o especial sem cuidador, que na minha concepção o especial se desenvolve quando tem um cuidador, por ter uma atenção individual, então, joga lá, eu não posso dar essa atenção por que tenho que dar atenção aos outros e ai, até por que, a aprovação é automática, é mecânica, você não pode reter esses alunos com deficiência, mesmo estando em uma turma da Correção de fluxo, houve um diagnóstico comprovado, ele tem que ser aprovado, a aprovação é gradativa, é sequencial, você não pode reter. (Professora).

A professora desconhece o que se diz respeito a lei que assegura que os alunos com deficiência permaneçam na turma de Correção de Fluxo, porém, a diretora garante a ela que eles estão amparados sim. A professora aponta também, que vê os deficientes na turma de Correção de fluxo como um “depósito”, como os alunos das turmas regulares tem que ser adiantadas e não há cuidador suficiente para todos os especiais, dão-se cuidadores para os casos mais críticos e colocam os casos mais razoáveis na turma de Correção de Fluxo.

A professora ressalta também, que os alunos com deficiência não podem ser retidos, mesmo sem o desenvolvimento adequado para a série seguinte. Porém, a aluna “J”, que contém diagnóstico permaneceu na turma de Correção de Fluxo.

Então, você acabou de confirmar aquilo que eu falei anteriormente, é tipo um depósito, ela está guardada lá, a preocupação com o rendimento dela não existe, por que se existisse, parariam para pensar da seguinte forma: os outros já são especiais, de alguma forma são, se não fossem não estariam com dois anos de distorção, então, a professora não tem como ter uma dedicação exclusiva para fulana, ou a gente coloca ela lá e oferece uma cuidadora só pra ela, ou tanto faz ela estar lá ou no regular, contanto que estivesse com uma cuidadora, o que não acontece. Os cuidadores, pelo que eu vejo aqui, só são para

aqueles casos mais críticos, quando na realidade, todos eles têm direito. (Professora)

É visível o desapontamento da professora quando se fala dos alunos com deficiência inseridos na turma de Correção de Fluxo. E ao falar da aluna “J”, que é diagnosticada com Retardo Mental, ela se mostra revoltada, pois, ela como uma aluna especial necessita de cuidados e uma atenção diferenciada para que possa desenvolver a sua aprendizagem. Porém, a coordenação prefere matriculá-la numa turma de Correção de Fluxo e “vendar os olhos”. Logo, observa-se que os pais dessa aluna não conhecem os seus direitos ou também está fechando os olhos para a situação a qual a aluna “J” está sendo submetida.

Uma das indagações propostas à professora incitou-a a refletir sobre o futuro dos seus alunos: Como a Sra. imagina os seus alunos daqui a 10 anos?

Bom, eu espero em Deus, que mesmo aqueles que não consigam se graduar, mas eu imagino eles com uma profissão, no mínimo, para poder tirar o seu sustento, trabalhar e daquela profissão, seja ela qual for. Assim, também como já vi lá atrás, alunos que já enxerguei que com poucos anos eu iria ver enterrado e já fui para o enterro. (Professora).

Logo, apesar da sua realidade de trabalho extenuante, a professora imagina e espera que os alunos tenham um bom futuro, que consigam realizar os seus desejos e que não tenham um fim como o de muitos outros alunos que já passaram por ela. Mesmo tendo uma experiência brilhante, sendo uma das melhores professoras daquela instituição de ensino, ela prefere colocar o futuro dos seus alunos em mãos divinas, pois, mesmo se dedicando ao máximo e somente desejando um futuro brilhante aos seus alunos, ela não conseguirá tirá-los das ruas, não poderá evitar que se envolvam com más companhias.

Por fim, fica claro a interferência da baixa autoestima dos alunos da turma de Correção de Fluxo no âmbito escolar, e se faz necessário o apoio da família junto com a gestão escolar, não só nesse requisito, mas também quando se trata de alunos portadores de deficiência física e com dificuldade de aprendizagem. Observando também que há uma falta de individualismo perante a alguns alunos com relação à gestão da escola. Acredito que, se a aluna “J” for colocada em sua turma de origem, tiver uma cuidadora que possa acompanhá-la e orientá-la mais precisamente em suas

atividades certamente ela terá maior probabilidade de desenvolver sua aprendizagem com mais eficácia.

4.5 Processo de ensino-aprendizagem

Levando em consideração o baixo desenvolvimento dos alunos da turma de Correção de Fluxo, indagou-se à professora sobre se todos os seus alunos dominavam as quatro operações e conseguiam fazer uma boa leitura de textos.

Negativo. As quatro operações não. Ler e escrever, eles começaram agora. Uns 70% que estão silabando ainda, não é com fluência. Mas com fluência tem uns 3 a 4. (Professora)

Por estar presente na escola junto a essa professora todos os dias, a autora desta pesquisa tem elementos para afirmar que é notável a persistência da professora com os alunos para que haja um desenvolvimento significativo na aprendizagem deles, porém, nem todos os alunos conseguem acompanhá-la. Uma turma com mais de 20 alunos, alguns com algum tipo de deficiência que ainda não foi diagnosticado, e uma professora sozinha. Alunos revoltados, envergonhados, gritando por ajuda. A professora se esforça todos os dias, dando o seu melhor para cada um deles e, ainda assim, há crianças com dificuldades.

A professora faz uma avaliação geral da sua turma quando diz que:

Eu vejo eles perdidos, como se não fizessem parte desse planeta, como uns peixinhos fora d'água. Como se eles fizessem parte de uma terra estranha, onde eles não conhecessem aquele mundo. Aí eles ficam nervosos, irritados, você tem que estar sempre ali dizendo “ não é assim”, a gente vê um chamando o outro de burro, retardado, eles sempre ficam querendo chamar atenção, quando na realidade ele só quer ser notado, quer se destacar. E agora que eles começaram a se aflorar, a flor começou a abrir, agora é que está assim, um não aceita que o outro erre, o que aprendeu não deixa que o outro fale. Sempre foi assim, e esse ano não está sendo diferente. É para o aluno “B” falar, só que o aluno “N” já sabe a resposta e acaba falando, e não é por isso que ele vai deixar de ser elogiado, e tem que explicar a ele que aquela vez era do colega. Começou essa fase agora, a fase do eu sei, estou conseguindo⁶, ai quer mostrar, quer fazer, quer ler primeiro, ler errado, tropeça, tenta acertar e erra, os colegas mangam ai eu repreendo e lá vai... Vamos ver até onde vão chegar né. (Professora)

⁶ Grifo da autora.

É notável que a professora se emociona ao entrar em detalhes sobre o comportamento dos seus alunos no dia-a-dia escolar. Ela ressalta que são alunos que necessitam de uma maior atenção. Que por vezes, eles agem com o intuito de chamar atenção, tentando se mostrar um melhor que o outro. Agora que alguns já conhecem as letras e começaram a silabar, eles tentam mostrar a professora que estão conseguindo, que estão aprendendo e por vezes acabam se ofendendo dentro da sala de aula, porém, a professora se enche de orgulho ao ver que eles estão de fato aprendendo. E com a aprendizagem fluindo, pode-se afirmar que cresce também a autoestima de cada um.

Em complemento, a professora ressalta mais uma vez que sente muito a falta do auxílio da família, e com outras palavras afirma que se houvesse uma presença maior da família, a turma já estaria bem mais avançada.

Agora, se tivesse apoio da família, eu estaria bem mais lá na frente com eles. A família é tudo. Um exemplo é o irmão do aluno "M", ele nem falava, e hoje não deixa ninguém ler mais na sala, fica chutando as palavrinhas no quadro. E você vê a empolgação. (Professora)

Ao salientar sobre a falta de família na escola para auxiliar seus alunos, a professora expressa a importância de tê-los na escola. Porém, de acordo com a região em que a escola está inserida, é notável que entre esses pais também há pessoas que não se desenvolveram na escola, que não sabem ler nem escrever, que por algum motivo só vê a escola como um depósito; que, por diversos motivos, não vê a escola como um alicerce, onde seu filho pode crescer intelectualmente e se tornar uma pessoa melhor. Logo, acredita-se que o papel da gestão e da coordenação é chamar tais pais para uma reunião e mostrar a importância que eles têm na vida dos seus filhos.

Quando questionada sobre como era feita a avaliação em sala de aula, a professora ressaltou que avalia os seus alunos em todos os aspectos, da forma em que pega no lápis, até uma resposta oral durante a aula. Pois, por se tratar de uma turma composta por alunos com a autoestima baixa, qualquer evolução até mesmo em seu tom de voz, já se faz significativo, expressa avanço.

Em cada momento que eles abrem a boca eu estou avaliando. Até a forma de sentar, de mastigar, de falar com o colega, a avaliação é contínua e diária, e a cada movimento deles eu estou avaliando. (Professora).

Nas turmas regulares de ensino, se faz necessário aplicar uma avaliação escrita ao final de cada bimestre para que os alunos possam apontar o que conseguiu adquirir de aprendizagem durante esse tempo. Entretanto, para a turma de Correção de Fluxo não é obrigatória a aplicação de tal avaliação.

Não. Assim, pelas formações que eu tive, existe duas provas, uma no final do primeiro semestre e outra no final do segundo semestre. São provas semestrais. Mas, esse ano, pela primeira vez foi sugerido que eu fizesse junto com o regular, ou seja, as avaliações bimestrais. (Professora)

O tipo de avaliação aplicado na instituição investigada suscitou questionamento: por se tratar de alunos com dificuldades de aprendizagem, uma avaliação escrita é uma boa forma de avaliar o que esses alunos realmente aprenderam em termos de conteúdo formais das disciplinas?

Dá, por que eu demoro a fazer. Eu não entrego a todos, eu entrego só para colocarem o nome. Eu chamo de um por um na minha mesa e consigo avaliar eles oralmente. E o que vai prevalecer é o que eles falarem e fizerem. Se ele falar “porta” e escrever “pota” vai ficar o que ele escrever. E no meu caderno eu já vou anotar que aquele aluno não conseguiu intercalar o uso do “r”. (Professora)

A professora aponta uma forma diferenciada de avaliação, podendo identificar a dificuldade de cada aluno oralmente, não somente através da escrita. Oferece-lhes a oportunidade de avançar nos seus conhecimentos, embora considere as lacunas a serem preenchidas. Tal método também auxilia na autoestima dos alunos, mostrando que há uma pessoa que se importa com eles.

Durante a entrevista salienta-se a opinião da diretora sobre o que deve ser feito para evitar que o aluno passe de ano sem dominar conceitos/conteúdos da série em que está. E a resposta foi somente uma: Reforço. Ressaltou também queria muito que a escola pudesse dar esse reforço, porém, não conseguiu sustentar o programa Mais Educação, onde, os alunos teriam aulas de reforço pela manhã e à tarde aula normal.

Reforço. Esses alunos deveriam ser trabalhados com o reforço. Uma coisa que aqui a escola não tem condições de dar. Seria primordial que a gente pudesse oferecer esse reforço. É tanto que a turma de correção foi para tarde, e era para estar no Mais Educação pela manhã, para o reforço de português e matemática. Por que aí, ele iria conseguir acompanhar, as meninas acompanhando o professor e ele iria conseguir acompanhar. Mas, foi um projeto que não deu certo para

a gente, então, a gente tem que só esperar a ajuda dos pais para ter um reforço certinho para eles. Se não, eles não passam, não aprendem, não pega as habilidades necessárias né. (Gestora).

A gestora salienta que tal projeto intitulado “Mais Educação” oferecido pela Secretaria de Educação do município de Nossa Senhora do Socorro, não teve êxito na escola, pois depois de algum tempo os oficinairos, que eram os professores de Língua Portuguesa, Matemática e Educação Física, deixaram de receber a remuneração.

Quando questionada sobre a sua opinião referente à repetência de série por parte do aluno, a gestora responde que:

Não, mas eu já deixei muito. Eu deixava por que eu aproveitava tudo do aluno, leitura, fez dever, comportamento, participação, tudo mesmo, e as minhas provas não valiam 10. Mas o aluno que não faz, reprova. Hoje eu vejo que é tudo diferente, não como você dizer que vai reprovar para poder aprender no próximo ano. Aprende ou aprende. Se não, vai acabar caindo na correção de fluxo. Reprova hoje que é para aprender no próximo ano, aí no próximo ano ele vai estar todo desmotivado, que os alunos de hoje são todos desmotivados, não se esforçam, não tem aquele compromisso, muitas vezes quando você pega um professor com o compromisso bom, mas tem uns certos aí, que já estão cansados da labuta e não tem mais esse compromisso. Sem contar o preparo em casa, o apoio, aquele apoiozinho que é bom. (Gestora).

No início do depoimento a gestora acaba se contradizendo quando se mostra contra a repetência, porém, destaca que quando atuava na condição de professora, revela que reprovou diversos alunos. Entretanto, ela exemplifica o seu método de avaliação, realizado não somente por meio das provas escritas, mas através de atividades desenvolvidas na sala, participação, frequência, e todos esses requisitos contavam como pontuação, logo, se o aluno não cumprisse nenhum deles, não era contemplado com a nota e findava repetindo de ano. Ressalta também que atualmente tal atitude se torna mais complexa, pois, os alunos já estão desmotivados, pela metodologia do professor ou até mesmo por problemas em casa, e quando repetem o ano letivo, ao invés de se interessarem mais, acabam se desinteressando por completo, e é onde ocorre a evasão escolar.

Todavia, ao ser questionada com essa mesma pergunta (sobre a reprovação), a professora mostrou um ponto de vista diferente, ao acreditar que a reprovação é sim um método eficaz.

Eu acredito que sim. Por que se ele não foi aprovado é por que ele não está suficientemente preparado. Então, como ele vai ver tudo de novo, ele acaba assimilando, ele começa a ter uma nova visão, por que ele já viu tudo aquilo. (Professora)

Aproveitando a sua resposta, questionou-se sobre a autoestima dos alunos que se deparam com a reprovação, e ela salientou que “tudo é o modo como a professora lida com a situação, a maneira que o aluno recebe a notícia”. A docente ressalta também a importância de como a família vai lidar com tal situação.

Não se souber como vai reprovar. Se não usar a palavra reprovado. Se tiver uma conversa e não dizer a ele “Você reprovou”. Se você conseguir conscientiza-lo de uma forma delicada que ele ainda não está preparado e que vai passar constrangimento, para que ele não passe constrangimento na série seguinte, o aconselhável é você fazer novamente, repetindo a série. Você não está reprovado, você somente vai se preparar melhor. Tudo é a colocação, o tratamento, como você colocar as coisas. Agora, se a família berra em casa você reprovou, aí já trata de uma forma, na escola a professora já entrega o resultado gritando os reprovados⁷, e tudo é uma questão de constrangimento, aí é onde a autoestima desce. (Professora)

Diante de tal depoimento indagou-se: será que a autoestima dos alunos interfere na aprendizagem?

Influência, por que quando você começa a trabalhar a autoestima no dia a dia, você vê que eles vão melhorando. Eu já tive essa prova viva, de que quando você começa a mexer com a autoestima deles, eles querem sobressair. Eu tenho uma aluna que no início do ano ela vinha com mal cheiro, aí eu dizia, poxa como você está bonita hoje! Quando foi no outro dia ela veio tomada banho e de cabelo penteado. É por que a tia dela jogou o caderno no lixo, mas você precisava ver, ela escrevia coisas nada a ver no caderno, e hoje em dia ela já está tirando do quadro, as letras diminuíram, num passe de mágica, e eu devo isso aos meus elogios, quando ela fazia de qualquer jeito eu dizia que estava lindo, aí ela ia e caprichava mais. (Professora).

A professora responde ao questionamento proposto reportando-se às suas experiências e explana que a autoestima é sim de suma importância na aprendizagem da criança. A partir do momento em que a criança se conhece, a partir do momento em que a criança sabe que em seu meio existem pessoas que gostam dela, que lutam por ela, a sua visão muda, ela passa a se desenvolver melhor para mostrar para aquela pessoa que ela pode.

⁷ Grifos da autora.

Na unidade de ensino pesquisada, os alunos que adentram às turmas do 1º e 2º ano não podem ser retidos, um processo nomeado como “Ciclo”. Eles avançam uma série independentemente de se conseguiram ou não alcançar o desenvolvimento desejado. Contudo, questionei a gestora a sua opinião sobre essa prática.

De uma certa maneira, é. Se for trabalhada do jeito que é para ser trabalhada, se for com enrolação é melhor nem fazer. Agora, se for trabalhada da forma que pede para ser trabalhado, é excelente. E é isso que a coordenadora está tentando passar para os professores, por que se for trabalhado da forma que o ciclo pede para ser trabalhado os alunos aprendem. Eu tenho que ter noção do que estou fazendo para saber se o meu aluno está aprendendo, e se fizer passo-a-passo, direitinho, tem condições sim. (Gestora)

A gestora responsabiliza a ação de cada professor em sala de aula para que o “Ciclo” possa dar certo. Apontando que, se os professores seguirem as orientações disponíveis sobre o “Ciclo” é possível sim alfabetizar essas crianças até o 2º ano do Ensino Fundamental.

A princípio mostra-se uma turma com o desenvolvimento baixo, com diversas dificuldades e como já foi dito, gritando por ajuda. Uma só professora esperando o auxílio dos pais para poder fazer seu excelente trabalho, pais descompromissados e crianças com um único desejo, que é ser alfabetizadas.

4.6 Vida social do aluno

Compreende-se a vida social do aluno como o ambiente em que a criança vive, onde mora, seus familiares, seus amigos, entre outros. Pode-se salientar que o meio em que as crianças vivem tendem a interferir no seu processo de aprendizagem, logo, foi questionada a opinião da professora sobre tal afirmativa.

Com certeza. Por que, a falta de autoestima, a falta de motivação, os problemas que são gerados no âmbito familiar, as agressões, os vícios, as drogas, ai eles vão deixando, a família deixa eles de mão, não dão suporte, eles também vão perdendo o interesse e ai acabam reprovando, reprovando e ficando com essa distorção de idade-série. (Professora).

Foi questionada também a opinião da Gestora de acordo com o que acontece na vida dessas crianças que fazem com que eles cheguem a uma turma de correção de fluxo.

A família nômade⁸. Muitos vêm de família nômade. E outros sequer têm muito a presença da família. Que, a gente vê que eles são carentes demais. Tem meninos que são grosseiros de tão carente que é e não consegue nem chegar perto para lhe dar um abraço, um beijo, e isso é carência. Agora eu recebi um abraço de uma menina que eu não esperava, uma menina da correção. Já 2 vezes que ela vem me abraçar, por que ela vê que tem um afeto. Quando ela me abraçou, a primeira coisa que eu perguntei foi se ela estava estudando. Muitos eu vejo, como o exemplo dessa menina mesmo que veio me abraçar, ela é filha de pai, traficante, usuário, a mãe já casou com outro pai, já tem outros filhos e ela fica de lado. E ela está precisando de que? De carinho, atenção, amor e é isso que a gente tenta passar aqui para eles, além da aprendizagem. A professora está lá na sala passando a aprendizagem e a gente por fora fazendo um trabalho de formiguinha, por que se não for assim, não vai não. (Gestora).

A Gestora cita como uma das implicações que causam impacto negativo na vida social da criança, a carência familiar que muitas trazem de casa por diversos fatores, afetando assim, a sua convivência com outras crianças, e até mesmo com a equipe de educadores que compõem a escola. Por outro lado, a Coordenadora cita não só a carência familiar, mas também os problemas psíquicos que cada um vai adquirindo ao decorrer da sua infância.

É todo contexto social, é tudo assim, família, falta disciplina no lar, problemas de concentração, problemas psicológicos, falta de estrutura familiar e que eles vão absorvendo todos os problemas e eles não conseguem se concentrar na sala de aula. Seguir tão certo. Pelos Problemas físicos e mentais que eles têm. (Coordenadora)

A coordenadora cita problemas que por vezes os pais imaginam não afetar as crianças, até mesmo por elas não desmontarem, porém, é visível o impacto que causa nas crianças as vivências cruéis que elas assistem em casa e infelizmente acaba interferindo no seu processo de aprendizagem.

Logo, ao questionarmos sobre os eventos ocorridos na base tanto escolar, quanto familiar desses alunos, a Gestora salienta que:

Eu acho que quando a base na escola ela é bem-feita, e eles não passaram por uma base bem-feita na escola e a ajuda da família em casa é essencial. Mas, a base da escola, o prézinho lá, é quem diz o que o aluno vai ser. Hoje a base pesada está na educação infantil, no pré-escolar, por que a outra base pesada é no primeiro ano, o professor do primeiro ano e da educação infantil tem toda a responsabilidade e nem todos pegam essa responsabilidade para si. Eu digo pelo que a gente vê aí, nu e cru, quem pega essa

⁸ São pessoas que passam a maior parte de suas vidas mudando de uma cidade para outra. Porém, não somente entre cidades, mas também, entre outros países.

responsabilidade e leva a diante, tem meninos por aí que a gente vê que é de escola pública e quando sai do infantil já sabe ler, aqui os nossos não sabem, então aí é uma dificuldade, pois, o problema é um problema geral da escola, eu acredito né?! É uma falha nossa, que a gente vai tentar desconstruir essa falha e construir e proposito bom para eles. Eu nunca quis admitir que é um erro nosso, que é um erro do professor, que é um erro da escola, e por isso que quando chega na correção de fluxo, a gente tem que saber qual o professor vai colocar, não é qualquer professor. (Gestora)

A gestora designa a base escolar junto à família como causadoras de problemas que fazem essas crianças chegarem a uma turma de Correção de Fluxo. Ressalta também que os alunos da turma dessa Instituição não tiveram a base escolar necessária, principalmente na Educação Infantil. Ela admite a falha da gestão junto aos professores e não tira também a porcentagem de culpa da família.

Também é solicitado o ponto de vista da professora sobre o que acontece na vida desse aluno que faz com que ele adentre a uma turma de Correção de Fluxo.

São por vários fatores, eu acredito que o sistema também é um dos fatores, sendo um dos culpados, tendo uma parcela de culpa. A partir do momento que não existe retenção, nem no 1º, nem no 2º e nem no 3º ano. Essa falta de retenção que é no período de alfabetizar, como não retêm, ele vai para o 4º ano sem ler, onde ele chega no 4º e não consegue ser aprovado e já fica atrasado, e ai ele fica dois anos ou três no 4º ano, por que no 4º ano pode reprovar. Sem contar que tem casos de famílias que veem que ele não está conseguindo, tira ele e coloca em outra escola lá ele reprova do mesmo jeito, ou apenas não traz mais para escola, dependendo da família, quando retorna já está atrasado e quando vê já está com dois anos de atraso e acaba indo parar na Correção. (Professora)

A professora cita que tal problema encontra-se no “sistema”, na Secretaria de Educação. Critica também a não retenção desses alunos nos primeiros anos do Ensino Fundamental, fazendo com que eles cheguem a uma turma mais avançada como o 4º ano, não se desenvolve como necessário e acaba reprovando, por um ou mais anos letivos. Porém, há familiares que, ao ver a quantidade de repetência desse aluno, troca-o de escola ou até mesmo os deixam sem frequentá-la, criando assim uma distorção de idade/série, levando-o a turma de Correção de Fluxo. Esta atitude implica no não enfrentamento do problema e sim na sua transferência para outra unidade de ensino.

Durante a entrevista, uma das palavras mais usadas foi família, logo, tornou-se fundamental questionar: Será que a família é um dos causadores do fracasso escolar desses alunos?

Na minha concepção a família é primordial, é uma parceria entre família e escola, quando existe essa parceria a gente vê que o rendimento é outro. Então, eu acredito que é essencial. (Professora)

Observa-se que para a professora, a família é uma peça fundamental para que haja um bom desenvolvimento escolar. Porém, quando há a ausência dessa família, quando o aluno não vê uma consolidação em seu meio de convívio, ele acaba perdendo o estímulo, fazendo com que o seu rendimento caia.

Por se tratar de uma turma composta por alunos com idades diferentes e com algum tipo de dificuldade, se fez necessário o questionamento sobre a vida social das crianças. Entre os questionamentos já relatados, a carência afetiva já citado acima pela diretora, foi um dos aspectos citados como conteúdo essencial para se trabalhar com essas crianças. Como a Gestora trabalha na unidade de ensino em análise por muitos anos e já conhece uma boa parte dos familiares dos seus alunos, ela foi questionada se em algum momento ela já havia observado ou presenciado tais crianças trabalhando em feiras, em lojas, junto como os pais vendendo objetos reciclados ou sendo maltratadas.

Não, nunca vi. Até por que eu não ando nos mesmos lugares né. Mas, eu nunca vi. A tempos atrás, a gente tinha alunos, não da correção, de outras turmas, que a gente via que pegava carrego na feira. Eu morava aqui, e o menino vinha: professora eu vou levar as compras da senhora. E a gente via que era aluno da nossa escola. Mas, hoje eu não vejo isso. Apesar também que eu não ando em feira, eu não posso dizer. E quando está junto, está junto com o pai final de semana na frente do mercadinho vendendo, o pai está lá e ele está lá pertinho, não é ele trabalhando, é o pai ou a mãe e ele está ajudando. (Gestora).

Ela afirma nunca ter presenciado alunos da correção de fluxo com trabalho remunerado, somente, auxiliando os seus pais na venda de mercadorias como: frutas, verduras, entre outros. Logo, pode-se ressaltar que por mais que seja com o intuito de auxiliar os seus pais, tais atividades citadas acima são consideradas como trabalhado, onde, tira-se o tempo que a criança tem para brincar e se divertir. Contudo, vencidas pelo cansaço, é mais fácil deitar e dormir quando chega em casa, ao invés de pegar o caderno e exercitar-se com as atividades proposta pela escola.

4.7 Capacitação dos professores inseridos numa turma de Correção de Fluxo

Para dar início a tal discursão, se faz necessário observar e entender a experiência vivenciada pela professora titular da turma atual de Correção de Fluxo.

Já passei por seis turmas de Correção de Fluxo. Assim, quando eu peguei eu já tinha uma certa paixão pela turma, pelo sistema, pela metodologia, pelo projeto, por que quando eu não estava em sala de aula, estava como gestora, foi quando foi implantado no município de Nossa Senhora do Socorro o Projeto “Si liga” e “Acelera” que veio do Instituto Airtom Sena. Inclusive, nesse período eu fui até convidada para poder dar um depoimento em um hotel lá na Orla de Atalaia, eu como diretora. Mas assim, me dava muita saudade da sala de aula, aí eu adentrava na sala de aula para brincar com os meninos, e também para assistir, e aquilo ali sempre, eu via como eles chegavam e via o trabalho que era realizado, e como eles saíam no final de ano, e aquilo me encantava, aí eu imaginava: Meu Deus, será que um dia eu ainda peço uma turma de Correção de Fluxo? Foi quando se desvincularam do Instituto Airtom Sena e o município resolveu fazer o seu próprio projeto seguindo o Instituto Airton Sena, aí criaram esse projeto Correção de Fluxo, não é com o mesmo rigor, mas, eles seguem muita coisa ainda. Aí foi quando chegou a minha oportunidade, de sair de gestão, vim para a sala de aula e a primeira turma que surgiu aqui na escola eu peguei, e de lá pra cá, o único ano que eu não peguei foi o ano passado. (Professora).

Pelo exposto, pode-se considerar que a professora possui experiência significativa na condução de turmas de Correção de Fluxo em suas palavras nota-se a paixão pelo projeto desde o princípio. Logo, por mais que a professora tenha experiência com a turma, sabe-se que ao passar dos anos tudo e todos passam por uma plena transformação e se faz necessário uma capacitação para que os professores possam acompanhar tal fenômeno. Através de tal afirmativa, foi questionado se os professores, antes de assumir uma turma de Correção de Fluxo, passam por algum tipo de preparo.

Durante o ano letivo, em formação que a secretaria de educação disponibiliza. (Gestora).

Devido ao fato de ter prestado estágio dentro da administração da Secretaria Municipal de Educação de Nossa Senhora do Socorro (SEMED,) a autora desta pesquisa pode afirmar que essas capacitações realmente acontecem, não somente para os professores das turmas de Correção de Fluxo, mas também para os professores de todas as séries do Ensino Fundamental (1º ao 5º ano).

Entretanto, a Coordenadora ressalta o oposto, citando que tais capacitações só ocorriam quando tal projeto era administrado pelo Instituto Airton Sena.

Atualmente não. Mas quando ela teve origem, passavam por uma preparação de uma semana de curso, de orientação. Tinha curso de reciclagem constantemente, mas atualmente não. Eles ficam meios que soltos, sem ter nenhuma orientação, sem um caminho a seguir. (Coordenadora)

Logo, a Professora confirma a afirmação da diretora, salientando também que não recebe nenhum tipo de apoio da equipe diretiva. Porém, a SEMED está presente até mesmo nas redes sociais.

Não, o desenvolvimento que eu sempre tive foi da secretaria municipal de educação, mas dá direção não. Até hoje a secretaria de educação ainda dá capacitação. Existe um grupo no WhatsApp, que é só da equipe de quem trabalha com a turma de correção de fluxo, aí qualquer dificuldade, qualquer necessidade, a gente entra em contato com a responsável e ela dá o suporte necessário e se for preciso ela vem até a sala de aula, como já veio, para poder avaliar os alunos, para poder ver se realmente tinham algum problema, e realmente foi diagnosticado que eles realmente tinham, ela ficou até de me trazer os relatórios. (Professora).

Contudo, fica claro que a direção da escola não auxilia professora desta turma através de capacitações, porém, a Secretaria de Educação utiliza-se de uma ferramenta tecnológica que facilita a comunicação entre as professoras de Correção de Fluxo de outras escolas, o que proporcionando uma troca de experiência, gerando assim uma aprendizagem que poder ser passada de forma dinâmica.

4.8 Visão dos alunos da turma de Correção de Fluxo

Neste tópico serão explanadas as entrevistas realizadas com os alunos da turma de Correção de Fluxo, com o intuito de analisar o comportamento deles em grupo, a oralidade e o perfil de cada um. Todavia, não foi possível observar todos, pois, alguns se sentiram envergonhados e não ficaram à vontade para responder as perguntas.

Por eles já conhecerem a entrevistadora, alguns dos anos anteriores, e outros por verem-na diariamente na escola, o início da conversa foi bastante descontraída e eles se mostraram dispostos a responder a todas as perguntas levantadas.

A princípio, numa visão bastante geral, observou-se que a turma é composta por diversos tipos de personalidades. Havia crianças ativas, dinâmica, que interagiam a todo tempo comigo, como houve também crianças que mesmo chamando a sua atenção, não interagiu de forma alguma. Crianças quietas que ao mesmo tempo gritavam com o olhar. Por vezes olhares tristes e confusos. Estas constatações permitem inferir que são crianças que necessitam de atenção, e qualquer olhar ou palavra mais afetiva, conquista eles.

Ao iniciar a conversa foi questionou-se se alguns deles já haviam repetido o ano e solicitei que erguesse o braço. Todos ergueram, me dando a certeza que 100% da turma já havia reprovado. Ao questionar como eles se sentiram ao saber que repetiram o ano letivo, as respostas foram parecidas.

Eu me senti mal. (A1)

Eu me senti envergonhado. (A2)

Questionou-se como eles se viam na condição de aluno e eles responderam que se achavam bons alunos e respeitavam a professora. Como estava na presença da professora, a questionei se eles eram mesmo bons alunos e ela não transpareceu muita satisfação com a resposta, ressaltando que eles eram alunos “mais ou menos”.

Em meio ao diálogo com os alunos, a professora salientou que através de uma conversa sobre o comportamento do A1 com sua mãe, ela descobriu que o seu apelido era “My Life” (Minha vida). Onde, aponta um gesto de carinho e atenção entre mãe e filho.

Perguntei se eles imaginavam por que tinham repetido o ano, e as respostas foram:

Por que eu perturbava. A professora era chata lá. Ela não deixava a gente fazer nada. Mas também eu perturbava no recreio. Pegava o bolinho do lanche e jogava nos meninos (A1)

Por que eu não sabia ler. Eu perturbava por que era ousado. Eu não gostava muito da escola, nem da professora. A professora do outro ano eu gostava, ela era gente boa. Ela era *braba*, agora, para passar de ano... (A2)

Eu sabia escrever, só que eu perturbava. Todo dia a minha mãe era chamada no colégio. (A3)

O aluno A2 deixa a entender que apesar da professora ser firme em suas atitudes, acabava sempre aprovando o aluno para a série seguinte, mesmo sem obter os conhecimentos necessários.

Foram indagados sobre se trabalhavam fora da escola e eles me disseram que trabalha somente em casa, ajudando a mãe nas tarefas como: lavar os pratos, varrer a casa, forrar as camas, entre outras coisas.

Ao serem questionados sobre a formação da família de cada um, observou-se que alguns vinham de uma família tradicional com o pai, a mãe e os irmãos. A maioria citou que a mãe não morava mais com o pai, morava com o padrasto. Outros moram somente com os avós. Situações que podem complicar o desenvolvimento do cognitivo de criança, afetando-a na aprendizagem, na interação com outras crianças e na fama.

No meio da conversa, enquanto eles estavam relatando a profissão dos seus pais, um dos alunos mostrou a mão que estava repleta de calos. Ao indagá-lo, retrucou que os calos eram referentes ao uso da corda da carroça, chegando então a conclusão de que o meio de transporte frequente da sua família, era a carroça, onde, o mesmo é utilizado também para gerar alguma renda para a sobrevivência da família.

Observa-se nessa turma, que a maioria dos alunos já se conhecem de outro local. A maioria mora no mesmo bairro e em ruas próximas. Questionei se eles brincavam muito. Se tinham muitos amigos.

Tia, os amigos que eu brinco na rua é os mesmos da escola. Mora tudo perto da minha casa. (A1)

Eu tenho cinco amigos, mas a minha mãe só deixa eu brincar na área. (A2)

Ao perguntar o que eles pensavam sobre o porquê de frequentar aquela turma, eles transpareceram a baixa autoestima em suas respostas.

Por que a gente não sabe de nada. (A1)

Por que a gente não sabe ler e escrever. (A2)

Por que a gente reprovou. (A3)

Em meio a muita descontração, questionei de eles gostavam da professora, e somente um disse que não, e quando perguntei o porquê, ele não quis responder. Tal atitude reforça a palavra da professora quando ela ressalta que tem um relacionamento com seus alunos amigável e de companheirismo.

Eu gosto dela como se fosse a minha 2ª mãe. (A1)

Indagados se gostavam da escola e se queriam mudar alguma coisa.

A janela e o ventilador. (A janela não abre e o ventilador está quebrado) (A1)

Queria uma hora para a gente brincar lá fora. (A2)

Queria que tivesse brinquedo na escola para nós brincar. (A3)

Um campo para brincar de futebol. (A1)

Como a escola não traz um horário específico para o recreio, quem fica administrando a hora de recreação dos alunos são os próprios professores. E o que eles mais querem mudar é isso. Eles querem a hora do recreio todos os dias, querem brinquedos diferentes como o balanço, o escorregador; citaram até uma quadra de futebol. Além dessas ressalvas, eles gostariam de mudar também coisas dentro da sala, como as cadeiras, colocar graxa na janela que não abre mais, entre outras coisas.

Ao serem indagados sobre como realizam as tarefas de casa, uma boa parte ressaltou que a mãe os ajuda, sentam com eles e responde a atividade que vai para casa. Contudo, há também crianças que não respondem as tarefas de casa. Porém, a professora ressalta que há familiares que nunca olharam as agendas dos seus filhos, muito menos auxilia nas atividades. Assim afirma A1:

Eu não respondo por que eu não sei. A minha mãe não me ensina, o meu pai não me ensina. (A1)

Ao final da conversa foi solicitado que pensassem e me dissessem o que eles queriam ser/fazer daqui a 10 anos. As respostas surpreenderam. Apesar de estar numa turma de correção de fluxo, os alunos, como toda criança, sonham com um futuro brilhante. Sonham em ser policial, médico, mecânico, jogador de futebol. De acordo com tais respostas, pode-se inferir que acende uma vontade de fazer a diferença como professora para que haja a cada dia uma nova descoberta dos alunos e que eles possam através do conhecimento adquirido na escola, realizar os seus desejos se tornando a cada dia uma pessoa melhor. Como já ressaltado, eles se mostram alunos com autoestima baixa, porém, uma parte mostra que ainda não desistiu.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento desta pesquisa possibilitou uma análise do que acontece na vida social e escolar da criança. A imersão no campo empírico permitiu avaliar a contribuição da família, da escola, a inserção da família no cotidiano escolar da criança, as dificuldades de aprendizagem, entre outros aspectos contribuintes para a chegada desses alunos a uma turma de Correção de Fluxo.

Por meio dos questionamentos elencados nos roteiros de entrevista, foi possível entender o olhar de cada entrevistado para com a turma de Correção de Fluxo. Observou-se que todos os aspectos que estão em volta do aluno, como a desestruturação familiar, dificuldades de aprendizagem, despreparo e descuido dos professores nos primeiros anos escolares, são elementos que interferem no desenvolvimento escolar desses alunos, levando-os a contínuas repetências, fazendo com que eles adentrem na turma de correção de fluxo.

Foi possível observar também que há um descuido ou até mesmo um desinteresse por partes dos envolvidos na educação desses alunos: gestão escolar, família e professor. Referimo-nos inicialmente, à gestão da escola estudada que, ao matricular alunos diagnosticados com deficiência, sem disponibilizar o auxílio necessário à professora, contribui negativamente para a retenção e inadequação das práticas educativas que deveriam ser a eles destinadas. Já os familiares, que por motivos pessoais, mesmo não sendo justificáveis, negligencia a vida escolar dos seus filhos, não dando a importância necessária para que eles se incentivem a melhorar. Por fim, os profissionais da educação que, com sua soberana importância na formação dos alunos, por vezes não faz o seu trabalho com eficácia e eficiência e acaba prejudicando o desenvolvimento do aluno. Diante das discussões apontadas, fica evidente que os objetivos elencados neste estudo, foram significativamente alcançados.

Os autores escolhidos como referência bibliográfica voltada para o objeto de estudo pesquisado, auxiliaram no embasamento da compreensão geral sobre a retenção de alunos, papel da família e dos educadores, bem como contribuíram enormemente na compreensão das respostas obtidas por meio das entrevistas aplicadas aos sujeitos do estudo, fornecendo referência teórica aos resultados e às análises feitas pela titular da pesquisa.

Dada a importância do tema aqui enfocado, se faz necessário que haja uma conscientização da gestão e da coordenação em dois aspectos. O primeiro seria com relação ao despertar o interesse dos pais através de reuniões coletivas, conversas individuais, mostrando a importância que eles têm no desenvolvimento do aluno. O segundo aspecto seria se atentar já previamente, no período da matrícula de crianças deficientes em turma de Correção de Fluxo, pois, o foco da professora fica dividido, e por vezes, pode acontecer de não alcançar os objetivos nem com os alunos “ditos normais”, nem com os alunos com deficiência.

Com relação à professora da classe de ensino investigada, acredita-se que seria de suma eficácia, uma capacitação frequente com diferentes técnicas e metodologias de ensino atualizadas e com maior participação dos alunos. Diversos recursos como livros didáticos, paradidáticos, brinquedos educativos, entre outros recursos, fariam a diferença nessa turma. Metodologias que façam com que o aluno interaja com o conhecimento, aulas vivas, que chamem atenção e que os deixem a cada dia mais entusiasmado com o conhecimento, estimulando o aluno a aprender cada dia mais.

Por conseguinte, reitera-se que o objetivo geral do estudo em mãos era identificar os eventos que ocorrem no meio social e escolar do aluno que faz com que ele chegue a uma turma de correção de fluxo, foi alcançado ao analisar as entrevistas e embasá-las com teóricos bem como também ao observar os alunos da turma estudada. Do mesmo modo, o problema de pesquisa elencado foi elucidado uma vez que os depoimentos apontam que a trajetória de vida dos alunos que compõem a turma de Correção de Fluxo é permeada por negligências, trabalho infantil, falta de formação profissional adequada coroados pelo descaso e, em alguns casos, abandono seja por parte da família, seja por parte da escola.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Rosangela Nieto de. **Construir Notícias: O sentido de erro no ato de aprender**. Editora construir. São Paulo, 2016.

BAIA, Ineide Ferreira. **A importância da família no processo de ensino aprendizagem dos alunos da escola Maria de Nazaré Oliveira na turma de jardim II**. S/D. Disponível em < <http://monografias.brasilecola.uol.com.br/pedagogia/importancia-familia-processo-ensino-aprendizagem-dos-alunos-escola-maria-nazare-oliveira-jardim-ii.htm#capitulo-4>> Acesso em 08 de setembro de 2018 as 03:58hs

BEE, Helen. **A criança em desenvolvimento**. 7ª edição. Artmed Editora. Porto Alegre, 1996.

BRASIL. Ministério de Educação e Cultura. **LDB - Lei nº 9394/96**, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da Educação Nacional. Brasília MEC, 1996.

_____. **Distorção Idade-Série**. Qeducademia.2017. Disponível em < www.academia.qedu.org.br/censo-escolar/distorcao-idade-serie/> Acesso em 16 de agosto de 2018 as 20:09hs

_____. Secretaria da Educação do Estado de Sergipe. **PORTARIA Nº 8907 / 2010**, de 29 de dezembro de 2010. Disponível em < http://www.seed.se.gov.br/arquivos/Portaria_Diretrizes-2011.pdf > Acesso em 27 de outubro de 2018 às 23:35hs

BOSSA, Nadia A. **FRACASSO ESCOLAR: Um Olhar Psicopedagógico**. Artmad, 2002.

De Sousa, A. P. (2017). **A importância da parceria entre família e escola no desenvolvimento educacional**. *Revista Iberoamericana De Educación*, 44(7), 1-8. Disponível em <<https://rieoei.org/RIE/article/view/2172>>. Acesso em 16 de setembro de 2018. As 17:04hs.

CÓRIA-SABINI, M.A. **Psicologia do Desenvolvimento** – 2º edição. São Paulo. Editora Afiliada, 2006.

CREPALDI, E.M.F. **A IMPORTANCIA DA FAMILIA NA ESCOLA PARA A CONTRUÇÃO DO DESENVOLVIMENTO DO ALUNO**. 2017. Disponível em < <http://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2017/2597213983.pdf> > Acesso em 16 de setembro de 2018 às 17:42hs.

DUARTE, V.M.N. **Conhecimento Empírico ou Senso Comum**. Monografias Brasil Escola. S/D. Disponível em < <http://moografias.brasilecola.uol.com.br/regas->

abnt/conhecimento-empirico-ou-senso-comum.htm> Acesso em 08 de setembro de 2018 às 02:51hs

LACERDA, C. K. F. R. **Repetência e Fracasso escolar**. Jussara/Paraná, 2007. Disponível em <http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/producoes_pde/md_chislaine_keile_fernandes_ruiz_lacerda.pdf > Acesso em: 09 de abril de 2018 às 22:28hs.

LOPES, R.C.S. **A RELAÇÃO PROFESSOR ALUNO E O PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM**. S/D. Disponível em <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portal/pde/arquivo/15349.pdf> > Acesso em 16 de setembro de 2018 as 16:28hs

LUCKESI, C.C. **AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM ESCOLAR**. Cortez Editora. 12^o edição. São Paulo, 2002.

OLIVEIRA, K.A.V. **A FORMAÇÃO CONTINUADA E OS PROGRAMAS DE CORREÇÃO DE FLUXO NA ESCOLA PÚBLICA EM SERGIPE: representações dos docentes (2005-2010)**. Aracaju –SE, janeiro de 2012. Disponível em <<file:///C:/Users/lalisantos/Desktop/TCC%20-%20correção%20de%20fluxo/dissertação-a-formação-continuada-e-os-programas-de-correção-de-fluxo-na-escola-pública-em-sergipe.pdf> > Acesso em 09 de maio. ÀS 20:54hs

PEDROZO, M.K. **As fases do desenvolvimento infantil parte 2: Estagio Sensório-Motor**. Espaço Meditação: pedagogia e psicologia. 2014. Disponível em <<http://www.psicopedagogiacuritiba.com.br/fases-desenvolvimento-infantil-parte-2-estagio-sensorio-motor/>> Acesso em 08 de setembro de 2018 às 01:10hs.

PELEGRIN, Tatiana Peruchi. **A educação escolar no processo da formação humana**. Jornal A Tribuna S.A. Criciúma – SC, janeiro de 2016. Disponível em <<http://www.clicatribuna.com/noticia/flashdoleitor/a-educacao-escolar-no-processo-de-formacao-humana-16084> > Acesso em 08 de maio de 2018 Às 22:52hs.

PONTEL, Marciano Dionei. **Dificuldades de Aprendizagem (DA's): Características, Identificação e avaliação**. São Lourenço do Oeste – SC, 2013. Disponível em <http://www.psicologia.pt/artigos/ver_artigo.php?dificuldades-de-aprendizagem-das-caracteristicas-identificacao-e-avaliacao&codigo=A0862&area=d3 > Acesso em 14 de abril de 2018 às 15:37hs.

ROQUE, W. **Pedagogia do exame**. Bog da Prof. Walkiria. 2011. Disponível em <<http://walquiriaroque.com/2011/02/27/pedagogia-do-exame/>> Acesso em 08 de setembro de 2018 às 04:58hs

SILVA, Ana Maria da. **As dificuldades de aprendizagem no processo de alfabetizar crianças**. Portal Educação. S/D. Disponível em <<https://www.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/educacao/as-dificuldades-de->

aprendizagem-no-processo-de-alfabetizar-criancas/50892 > Acesso em 10 de maio de 2018. Às 23:55hs.

SILVA, L. F. **AUTOESTIMA E APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO DE JOVENS.** Monografia Brasil Escola. S/D. Disponível em http://monografias.brasilecola.uol.com.br/educa%C3%A7%C3%A3o/autoestima-aprendizagem-educacao-jovens.htm#capitulo_5.3>. Acesso em 27 de outubro de 2018 às 17:16hs

SOARES. Roberta. **Espaço Livre.** 2011. Disponível em: < roberttasoares.blogspot.com.br/2011/06/mais-12-dinamica-interessantes-para.html > Acesso em 22 de fevereiro de 2018. Às 22:55hs.

WEIL. Pierre. **A criança, o lar e a escola.** Editora Vozes, 24^o edição. Petrópolis. 2004.

ANEXO



TERMO DE RESPONSABILIDADE DE PLÁGIO

Eu, **Larissa Santana dos Santos**, acadêmica do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Faculdade Amadeus/FAMA, orientada pela **Prof. (a) e Dr. (a) Maria Aparecida Souza Couto**, declaro para os devidos fins que o Trabalho de Conclusão de Curso: **CORREÇÃO DE FLUXO: Trajetória social e escolar dos alunos que chegam a uma turma de Distorção Idade/Série**, atende às normas técnicas e científicas exigidas na elaboração de textos e ao Regulamento para Elaboração do TCC da referida Instituição.

As citações e paráfrases dos autores estão indicadas e apresentam a origem e ideia do autor (a) com as respectivas obras e anos de publicação.

O Código Penal em vigor, no Título que trata dos Crimes Contra a Propriedade Intelectual, dispõe sobre o crime de violação de direito autoral – artigo 184 – que traz o seguinte teor: Violar direito autoral: Pena – detenção, de 3 (três) meses a 1 (um) ano, ou multa. E os seus parágrafos 1º e 2º, consignam, respectivamente:

A § 1º Se a violação consistir em reprodução, por qualquer meio, com intuito de lucro, de obra intelectual, no todo ou em parte, sem autorização expressa do autor ou de quem o represente, (...): Pena – reclusão, de 1 (um) a 4 (quatro) anos, e multa, (...).

§ 2º Na mesma pena do parágrafo anterior incorre quem vende, expõe à venda, aluga, introduz no País, adquire oculta, empresta troca ou tem em depósito, com intuito de lucro, original ou cópia de obra intelectual, (...), produzidos ou reproduzidos com violação de direito autoral (Lei n.º 9.610, de 19.02.98, que altera, atualiza e consolida a legislação sobre direitos autorais, publicada no D.O.U. de 20.02.98, Seção I, pág. 3).

Declaro, ainda, minha inteira responsabilidade sobre o texto apresentado no Trabalho de Conclusão de Curso.

Aracaju SE, ____/____/____.

Assinatura da aluna concluinte

APÊNDICE



Orientadora: Maria Aparecida Souza Couto

Aluna: Larissa Santana dos Santos

Disciplina: Trabalho de Conclusão de Curso

Período: 8º

✓ **Questionamentos direcionados a diretora e a coordenadora da escola:**

1. A quanto tempo a Sra. Trabalha nessa Instituição?

2. A sua residência se localiza aos arredores da escola?

3. A Sra. Tem um bom relacionamento com os pais dos alunos?

4. Como a Sra. Costuma se relacionar com os alunos?

5. A quanto tempo a Escola oferta a Correção de Fluxo?

6. A Sra. poderia explicar qual a sua opinião sobre essa turma de correção de fluxo? Na sua opinião, abrir essa turma foi uma iniciativa que deu certo nessa comunidade? Por que?

7. Os alunos da Correção de Fluxo são calouros, ou já passaram e repetiram o ano letivo em outras turmas dessa instituição?

8. Depois que a instituição abriu a turma de correção de fluxo, houve alguma mudança significativa no índice de aprendizagem da escola?

9. A Sra. Tem um bom relacionamento com os familiares e com os alunos da turma de Correção de Fluxo?

10. Como a Sra. Observa o comportamento dos alunos da turma de Correção de Fluxo?

11. Os professores que assumem tal turma, passa por alguma preparação antes de assumir?

12. Quais os avanços obtidos pela turma de Correção de Fluxo?

13. Na sua opinião, o que deve ser feito para evitar que o aluno passe de ano sem dominar conceitos/conteúdos da série em que está?

14. Na sua opinião, o que acontece na vida dessas crianças que fazem com que elas cheguem a uma turma de correção de fluxo?

15. Por estar presente nessa instituição a muitos anos e conhecer alguns familiares desses alunos, a sra. já viu algum aluno trabalhando ou sendo maltratado?

16. A escola recebe alguma verba direcionada para essa turma?

17. Na sua opinião, houve algum tipo de falha na base desses alunos, tanto familiar, quanto escolar, que gerou tal dificuldade, fazendo com que ele adentrasse essa turma de correção de fluxo?

18. A sra. acha a reprovação um método eficaz para que o aluno aprenda?

19. Sobre o Ciclo, que é a não reprovação das séries entre o 1º ao 3º ano, a sra. imagina ter sido uma iniciativa eficaz?

APENDICE

Orientadora: Maria Aparecida Souza Couto

Aluna: Larissa Santana dos Santos

Disciplina: Trabalho de Conclusão de Curso

Período: 8º

✓ **Questionamento direcionado a professora titular da turma:**

1. Qual a sua formação?

2. Essa é a sua primeira turma de Correção de Fluxo? Se houve outra (s), como foi a experiência?

3. Na sua opinião, o meio em que a criança vive, tem alguma influência direta que faz com que a criança chegue a essa turma?

4. A direção da escola dá algum apoio no desenvolvimento das aulas?

5. Como é o seu relacionamento com a turma?

6. Como é o seu relacionamento com os pais? Eles interagem com a Sra. motivando e participando no desenvolvimento dos filhos na escola?

7. Algum aluno mostra resistência na aproximação com a sra. ou com a turma?

8. Na turma há alunos com algum tipo de deficiência diagnosticada? Se houver, como é o seu relacionamento com ele (a) e o relacionamento dele (a) com a turma?

9. Esse aluno “Especial” é acompanhado por médicos especializados e toma algum medicamento?

10. Junto dele, há uma cuidadora para auxiliá-lo nas atividades diárias dentro da escola?

11. Alunos diagnosticados com alguma deficiência, seja ela física ou cognitiva, estão amparados por lei para estar em uma turma de correção de fluxo?

12. As turmas de correção de fluxo são divididas em duas, onde, uma é intitulada como “Alfabetização” e a outra como “aceleração”. Qual a diferença entre essas duas classificações? E a sua turma se enquadra em qual delas?

13. Na sua opinião, tal separação é eficaz? Por quê?

14. Todos os seus alunos sabem ler, escrever e dominam as quatro operações?

15. A sra. classifica o desenvolvimento dos seus alunos em baixo, médio ou alto?

16. Como a sra. avalia os seus alunos? Em métodos tradicionais, com prova e trabalhos ou com métodos renovadores que fazem com que o aluno interaja entre si, com o conhecimento e com o mediador?

17. Na sua opinião, por que os alunos chegam a uma turma de correção de fluxo? Os meios sociais incluindo família e escola, influenciam na aprendizagem?

18. A sra. imagina que a família seja um dos causadores do fracasso escolar dessas crianças? Por que?

19. Na sua opinião, a reprovação do aluno é um meio eficaz para que haja uma aprendizagem significativa?

20. A autoestima dos alunos influencia em seu processo de aprendizagem?

21. Como a Sra. imagina os seus alunos, daqui a 10 anos?

APENDICE



Orientadora: Maria Aparecida Souza Couto

Aluna: Larissa Santana dos Santos

Disciplina: Trabalho de Conclusão de Curso

Período: 8º

✓ **Questionário direcionado aos alunos da turma de correção de fluxo:**

1. Há quanto tempo vocês frequentam essa escola?

2. Com que idade vocês começaram a estudar nessa escola?

3. Vocês já repetiram alguma série? Qual?

4. Como vocês se sentiram, tendo que repetir novamente a série que já estudou?

5. Como foi ver que os seus colegas avançaram e vocês tiveram que continuar na mesma?

6. Como vocês se classificam como aluno?

7. Porque vocês acham que repetiram de série?

8. No ano em que vocês repetiram, vocês estavam passando por algum problema na família ou entre amigos?

9. Algum de vocês trabalham antes ou depois de vim para escola?

10. Vocês cuidam de algum irmão ou familiar menor?

11. Como é a família de vocês? Vocês convivem com todos e se dão bem?

12. E os amigos? Como é a relação de vocês?

13. Na opinião de vocês, por que estão nessa turma?

**14. Como vocês se sentem estando em uma turma de correção de fluxo?
Vocês se sentem diferentes por verem os seus coleguinhas em uma turma regular?**

15. O que vocês acham que é uma turma de correção de fluxo?

16. Vocês gostam da professora?

17. O que vocês acham das aulas? Deveriam ser diferentes?

18. Na opinião de vocês, o que poderia mudar para deixar não só as aulas, mas a escola mais divertida?

19. Seus pais mandam vocês fazerem as atividades de casa? Perguntam como foi a aula? Comparecem na escola com frequência?

20. Como vocês se imaginam daqui a 10 anos?
